

Organizador
Fábio Bonfim

Estudos em Sintaxe Formal

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2009

Diretor da Faculdade de Letras
Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor
Wander Emediato de Souza

Comissão editorial
Eliana Lourenço de Lima Reis
Elisa Amorim Vieira
Lucia Castello Branco
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Revisão e normalização
Glécienne Fernandes
Carlos Magno Caetano

Formatação
Glécienne Fernandes
Carlos Magno Caetano

Revisão de provas
Glécienne Fernandes
Carlos Magno Caetano

ISBN: 978-85-7758-076-7

Endereço para correspondência
FALE/UFMG – Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015^A
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Telefax: (31) 3409-6007
e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 5

Fábio Bonfim

Representando a estrutura do sintagma . 7

Alexandre Delfino

Aspecto e sintaxe da estrutura argumental . 30

Yara Rosa Bruno da Silva

Causativas românicas . 49

Isadora Maria de Barcelos Silva

Sobre as construções com objeto duplo . 72

Marisa Mendonça Carneiro

Movimento de núcleos . 89

Fábio Bonfim Duarte

Apresentação

Fábio Bonfim

Este volume do Caderno Viva Voz dedica-se inteiramente aos estudos na área de sintaxe formal. O conjunto de artigos reunidos aqui tem por objetivo fornecer aos alunos da graduação e da pós-graduação, e também aos professores da Faculdade de Letras (FALE) em geral, uma discussão teórica sobre tópicos atuais que vêm sendo investigados no âmbito do Programa Minimalista. Os cinco artigos, que fazem parte do miolo do caderno, foram produzidos sob minha supervisão e constituem o resultado da pesquisa que os alunos desenvolveram a partir de conteúdos previamente selecionados por mim, durante os semestres em que ministrei a disciplina *Seminário de Tópico Variável em Sintaxe: Introdução ao Programa Minimalista*, na Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE. Assim sendo, meu objetivo, ao lançar este volume, foi o de disponibilizar à comunidade acadêmica uma publicação que sirva de manual introdutório a ser trabalhado nas disciplinas avançadas da área de sintaxe, tanto no âmbito da graduação como no âmbito da pós-graduação. A razão é simples: os artigos refletem, em linhas gerais, uma tentativa de tradução de conceitos complexos, utilizados pela sintaxe gerativa, de maneira simples, clara e objetiva.

O primeiro texto, elaborado pelo acadêmico Alexandre Delfino, tem por objetivo apresentar a estrutura dos sintagmas, acompanhando desenvolvimentos recentes do Programa Minimalista. São retomados conceitos como o de estruturas binárias e ternárias, relações de *Merge* e de movimento, hipótese inacusativa, inergatividade e ordenação linear dos constituintes. O segundo texto, preparado pela acadêmica Yara Bruno, retoma a proposta de Hale e Keyser (1993 e 2002) e busca investigar a estrutura bipartida do VP. Para tal, são arroladas evidências gramaticais para acomodar

a estrutura causativa complexa envolvendo predicados cujos núcleos podem vir realizados por meio de verbos transitivos e intransitivos, adjetivos, nomes e preposições. O terceiro texto, proposto pela acadêmica Isadora Barcelos, complementa a análise de Yara Bruno, tomando por base dados do italiano. Uma das hipóteses avaliadas no artigo é que o verbo causativo “fazer”, nessa língua, gramaticaliza-se a tal ponto que forma uma unidade morfossintática com o verbo que encabeça a estrutura VP. O penúltimo artigo, desta vez desenvolvido pela doutoranda Marisa Carneiro, discute a sintaxe de objetos duplos no inglês. O último artigo, produzido por mim, toma por base dados do inglês antigo e do inglês contemporâneo. Discute os princípios gerais que regulam o movimento de núcleos e propõe que movimentos de núcleos devem obedecer à restrição de movimento de núcleo e às condições de minimalidade.

Por fim, gostaria de registrar aqui meu agradecimento à comissão editorial do Caderno Viva Voz pelo trabalho competente, em particular, à professora Sônia Queiroz, pelo apoio e incentivo, ao Carlos Magno Caetano e à Gleicienne Fernandes. Esperamos que, com esse volume, possamos cobrir a lacuna existente na área de sintaxe formal, tendo em vista que há muito poucos textos introdutórios, elaborados em português, que abordam especificamente desenvolvimentos recentes da sintaxe gerativa, tal como apresentado no âmbito do Programa Minimalista.

Representando a estrutura do sintagma¹

Tradução de Alexandre Delfino²

Introdução

A partir das primeiras ideias de uma estrutura sintática hierarquicamente complexa, proposta na abordagem dos Princípios e Parâmetros³, o Programa Minimalista evoluiu o conceito de como os constituintes sintáticos são organizados na sentença. Segundo as propostas mais recentes, a construção dos sintagmas obedece a uma operação *Merge* (Juntar), de constituição unicamente binária. Como será visto adiante, a constituição de um sintagma se dá pela interação das propriedades seletivas de seu núcleo e a maneira como as operações sintáticas estruturam esse sintagma.

A estrutura dos sintagmas

As sentenças têm uma estrutura hierárquica complexa, constituída a partir de uma operação sintática binária chamada *Merge* (Juntar). A operação *Merge* é a responsável por combinar dois elementos para formar um objeto sintático (SO⁴) maior. Pode-se afirmar que na operação Juntar as propriedades do núcleo se projetam na estrutura maior, o que nos permite captar o fato de que o elemento mais importante dentro da estrutura determina a distribuição dos elementos dentro do sintagma.

Primeira operação Juntar – complementos

Um dos pressupostos do sistema derivacional é de que todos os traços c-selecionais de um elemento precisam ser checados

¹ Este texto constitui-se em uma tradução parcial, em português, do capítulo intitulado "Representing Phrase Structure" do livro *Core Syntax: A Minimalist Approach*, de autoria de D. Adger.

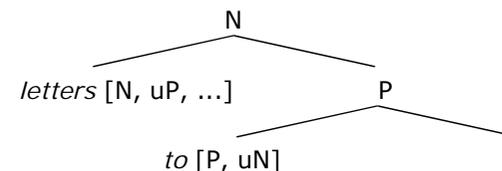
² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da FALE/UFG. E-mail para contato: aldelfino@gmail.com.

³ CHOMSKY. *Lectures on government and binding*

⁴ Do inglês *sintactic object*.

antes de ser juntados (*Merged*) ao núcleo que os selecionou. O exemplo **letters to* é agramatical, pois ainda existem traços não-interpretáveis para ser checados:

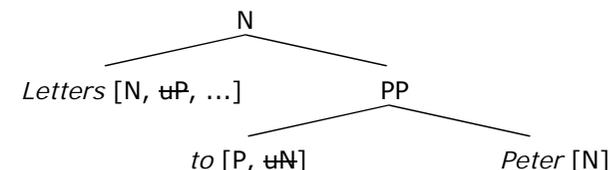
(01)



No entanto, se o traço ininterpretável [uN] da preposição *to* for checado por meio da junção de um substantivo (*Peter*), o resultado é gramatical, conforme se vê em (02) e (03):

(02) Letters to Peter.

(03)

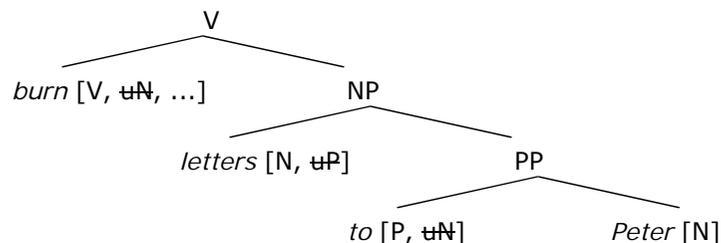


Objetos sintáticos que não possuem traços c-selecionais a ser checados (como no exemplo acima) são chamados *projeções máximas*. A composição de traços determina o *status* do nó: se não existem traços a ser checados, então ele é considerado como uma projeção máxima. Isto quer dizer que ao juntar *to* a *Peter*, o objeto resultante não possui mais traços a ser checados e, por esta razão, já é considerado como um sintagma ou uma projeção máxima.

Somente projeções máximas podem ser irmãs de núcleos que selecionam constituintes. Se uma projeção não-máxima for juntada, os seus traços c-selecionais (não-interpretáveis) ficarão não serão satisfestitos, o que pode resultar em uma estrutura agramatical.

Para efeito de exemplo de como o *status* do nó muda quando ocorre a operação Juntar, selecionaremos um verbo como *burn*. Esse verbo tem dois papéis- θ , ambos associados aos traços-N c-selecionais. A projeção do verbo *burn*, após a checagem de traços, ficaria assim:

(04)



O estatuto do NP *letters* agora é sintagmático, uma vez que esse NP teve todos os seus traços seletoriais checados. Aparentemente, só é possível determinar o *status* de um sintagma até que todos os seus traços tenham sido checados. Se ainda houver algum traço seletorial a ser checado, isso é indício de que o núcleo que contém tal traço deve se juntar a outro elemento para que seu traço seja checado.

O tipo de estrutura construída até o momento (*burn letters to Peter*) é chamada de *estrutura núcleo-complemento*. Estruturas núcleo-complemento surgem da aplicação de uma primeira operação Juntar para satisfazer um traço seletorial do núcleo. Dessa forma, o NP *letters to Peter* é o complemento de *burn*; o PP *to Peter* é o complemento de *letters*; e o NP *Peter* é o complemento de *to*.

Em línguas como inglês, francês, gaélico e árabe, a posição do complemento é sempre à direita do núcleo. Existem, por outro lado, línguas em que a posição do complemento na estrutura é à esquerda do núcleo, como no japonês, no coreano e no turco:

(05) *Hanako ga Taro o tatak.*
 Hanako SUJ Taro OBJ bater
 "Hanako está batendo em Taro".

No exemplo acima do japonês, o complemento (*Taro*) precede o verbo (*tataku*). Pode-se concluir, então, que existem duas linearizações possíveis: uma com a ordem complemento-núcleo e outra núcleo-complemento, conforme mostro pelas configurações arbóreas a seguir:

(06)



As diferentes linearizações nas línguas refletem propriedades de ordem específicas de cada língua. Em suma, a linearização do núcleo em relação ao seu complemento depende de como cada língua aciona o parâmetro da ordem.

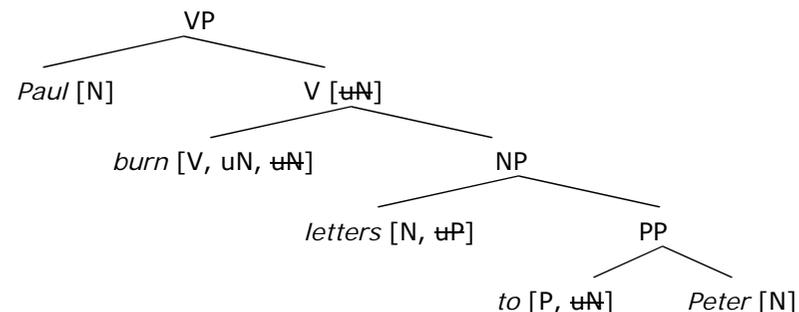
Segunda operação Juntar – especificadores

Seguindo o exemplo acima, consideremos mais uma posição na estrutura:

(07) Paul burns letters to Peter.

Essa sentença nos mostra que o núcleo verbal *burns* tem mais um traço seletorial a ser checado (uN). Para que esse traço seja checado, é preciso uma nova ou segunda operação Juntar:

(08)



Como pode ser visto na estrutura acima, existem três níveis de projeção na estrutura do sintagma. O primeiro nível é o item lexical, ou projeção mínima. O segundo nível é

chamado de *projeção intermediária* ou *projeção de nível-barras*. Mesmo não sendo um nível lexical, a projeção intermediária ainda tem traços a ser checados. Finalmente, o a projeção máxima surge quando todos os traços seletoriais são checados. Diferentemente do complemento, o especificador de um sintagma permanece em uma posição à esquerda do núcleo.

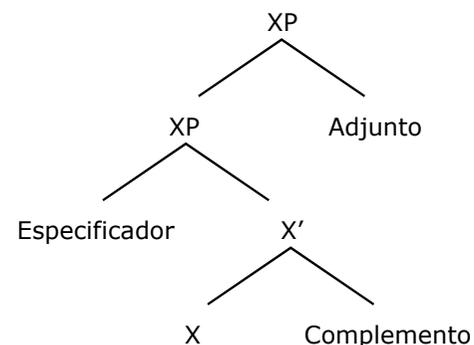
Adjunção

Alguns constituintes do sintagma podem receber papéis temáticos de seus núcleos. Entretanto, existem outros constituintes que, além de não receberem papéis temáticos, não podem ficar na posição de especificador ou de complemento. Aparentemente, esses constituintes têm um papel modificador, e não um papel argumental como o especificador e o complemento. Consideremos uma sentença como abaixo:

(09) Anson demonized David every day.

Pelo exemplo acima, *Anson* está na posição de especificador do verbo e recebe papel- θ de Agente. *David*, por sua vez, está na posição de complemento do verbo e recebe papel- θ de Experienciador. Entretanto, existe outro constituinte que não se encaixa na estrutura observada até aqui. Semanticamente, *every day* tem a função de localizar temporalmente a situação descrita na sentença. Chamaremos esse tipo de constituinte de *Adjunto*. É importante salientar que o Adjunto é uma posição na estrutura, e não um item lexical. Os adjuntos são elementos que são incorporados na sentença de uma forma que não seja através de checagem de traços seletoriais; contudo, consideraremos os adjuntos como irmãos de nós de projeções máximas.

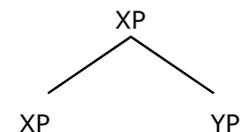
(10)



Como ocorre a junção de mais um constituinte na estrutura, pode-se argumentar que uma projeção XP adjungida poderia mudar o *status* da projeção máxima XP. Entretanto, como prediz a nossa definição de projeção máxima, como não há traço seletorial para ser checado, o *status* da projeção máxima não muda.

Os adjuntos não são incorporados na sentença pela operação Juntar. Assume-se, assim, que há outra operação chamada de *Adjungir (Adjoin)*. Essa operação, ao contrário da operação Juntar, não necessita ser engatilhada por traços seletoriais. A operação Adjungir não cria novos objetos sintáticos, mas os expande, “esticando” o seu nível mais externo em duas partes para inserir o objeto adjungido (posição YP):

(11)



Os elementos adjungidos possuem algumas propriedades, a saber: (i) figuram acima dos complementos e especificadores; (ii) aparecerem em ambos os lados do sintagma ao qual estão adjungidos (portanto, não há linearização) e (iii) não recebem papéis- θ .

Uma importante questão quanto aos Adjuntos é a seguinte: se os Adjuntos são nós sintagmáticos (projeção máxima) e o sujeito é o especificador de um VP, como é possível a gramaticalidade de sentenças como abaixo?

(12) Julie quickly answered the question.

Aparentemente, a sentença acima contradiz o pressuposto de que os adjuntos são hierarquicamente externos aos complementos e aos especificadores. Esse tipo de construção, contudo, é uma evidência de que alguns elementos podem se mover para outros níveis estruturais na sentença.⁵

Muitas das observações feitas acima para a estrutura do sintagma são próximas dos pressupostos da Teoria X-barra. Basicamente, a Teoria X-barra delimita um conjunto de restrições gerais que estipulam que toda estrutura frasal deve ter um núcleo X (a estrutura da sentença é construída a partir do núcleo) e os dois tipos de estruturas sintagmáticas são as estruturas núcleo-complemento (nível de projeção intermediária) e a estrutura especificador-X' (nível de projeção máxima).

Contudo, algumas diferenças existem entre a estrutura X-barra e a estrutura descrita até aqui. A principal delas é que a Teoria X-barra força a projeção através de todos os níveis. Dessa forma, mesmo que um núcleo não tenha complemento ou um especificador, todos os níveis são projetados. Esse sistema permite a construção de árvores mais uniformes⁶, mas potencialmente mais "carregadas". A proposta descrita até aqui está mais próxima da noção de *Bare Phrase Structure*, em que a projeção de níveis depende dos traços selecionais do núcleo. Diferente do sistema X-barra, apenas os níveis necessários para a checagem de traços são projetados. Dessa forma, o nível

⁵ Nesse caso, ocorre o envolvimento de uma operação chamada *Mover* (*Move*), que é responsável pelo movimento de objetos sintáticos para outras posições da estrutura. Na sentença acima, o conteúdo do especificador do verbo se move para posições acima da posição do adjunto. A operação *Mover* será vista no próximo item.

⁶ cf. Princípio da Uniformidade (Chomsky, 1981).

intermediário X' só aparece se o núcleo do sintagma tem traços não checados. Se o núcleo projetar um complemento e não tiver mais traços selecionais a ser checados, ele já se tornou uma projeção máxima. Por essa definição, nomes próprios e pronomes são projeções máximas, uma vez que ambos não possuem traços selecionais a ser checados.

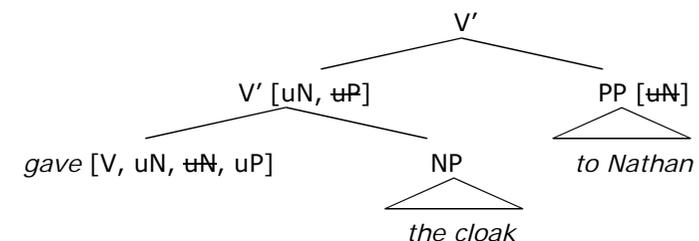
Ditransitivos

A estrutura sintática proposta até aqui dá conta de operações binárias, em que dois objetos sintáticos são juntados ou adjungidos aos pares. Entretanto, existem sentenças na língua em que é possível que um mesmo verbo possua três posições para checagem de traços. Chamaremos esses predicados de *ditransitivos*. Vejamos o seguinte exemplo:

(13) Benjamin gave the cloak to Nathan.

Na sentença acima, vemos claramente que há três participantes no evento: *Benjamin*, *Nathan* e *cloak*. O verbo *gave* atribui, nesse caso, três papéis temáticos. Aparentemente, a estrutura ternária para essa sentença poderia contradizer a proposta de uma operação *Juntar* binária. Uma solução para esse problema seria propor uma estrutura como abaixo:

(14)



O verbo *give* possui três traços selecionais [uN, uN, uP]. Um dos traços-N é checado pelo objeto e o outro pelo sujeito. O traço-P é checado pelo Alvo (*to Nathan*). Nessa estrutura alternativa, ocorre a recursividade do nível V'. Entretanto, essa proposta pode apresentar um efeito colateral, já que a

recursividade é utilizada para os Adjuntos que, diferentemente do Alvo, não recebem papel- θ .

Uma alternativa para a estrutura de verbos ditransitivos seria propor a existência de um outro nível na estrutura. Em muitas línguas, existe uma estrutura chamada *causativa*, em que ocorre a confluência do verbo lexical a um verbo leve causativo. Este último pode vir realizado por meio de um afixo ou por meio de um verbo causativo. O exemplo do inglês a seguir ilustra essa última possibilidade.

(15) Emily **caused** Benjamin **to see** himself in the mirror.

Essa estrutura pode ser parafraseada com um verbo ditransitivo:

(16) Emily **showed** Benjamin himself in the mirror.

Outras línguas dispõem de outros mecanismos que evidenciam essas operações. No francês, o sujeito normalmente precede o verbo (17a). Entretanto, quando ocorre uma construção causativa (17b), o verbo precede o sujeito:

(17) a) *Georges mange.*
George comer-PRES, 3ª SG
"George come".

b) *Pascale Fait manger Georges.*
Pascale fazer-PRES, 3ª SG comer-INF Georges.
"Pascale faz George comer".

Aparentemente, o exemplo acima mostra que ocorre uma operação Mover, que toma a estrutura formada pelas operações Juntar, e move um dos elementos da estrutura para outra posição. No exemplo acima, o verbo se move para uma posição acima da posição do sujeito.

Em outras línguas, como o cinyanja⁷, a posição do elemento causativo pode ser preenchida por um verbo lexical

⁷ Também conhecida por chichewa, essa língua pertence à família banto. O cinyanja é uma das línguas faladas na província do Niassa, na parte norte da província de Tete e na parte ocidental das províncias de Nampula e Zambézia no norte de Moçambique.

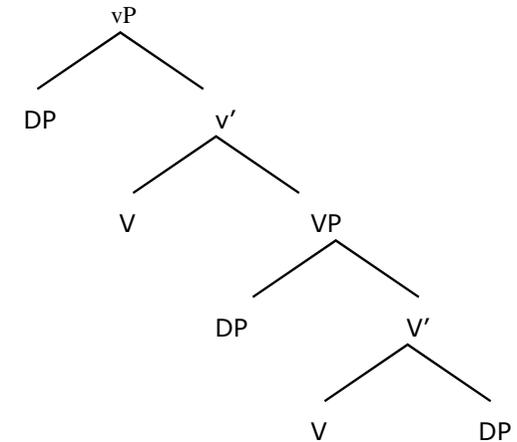
adjungido ao afixo causativo, conforme mostram os exemplos do chichewa a seguir.

(18) a) *Mtsikana ana-chit-its-a kuti mtsuku u-gw-e.*
Garota CONC-fazer-causar-ASP aquele pote CONC-cair-ASP.
"A garota fez o pote cair".

b) *Mtsikana anau-gw-its-a kuti mtsuku*
Garota CONC-cair-CAUSAR-ASP aquele pote.
"A garota fez o pote cair".

O exemplo (18b) nos mostra que pode haver a incorporação do verbo lexical ao verbo causativo, o qual vem realizado por meio do afixo causativo *-its*. A ocorrência desse tipo de estrutura causativa nas línguas, associada à paráfrase de estruturas ditransitivas, permite-nos propor uma estrutura mais articulada para a estrutura VP, conhecida na literatura gerativa dos últimos anos como sendo a concha v-VP, conforme evidencia a representação a seguir.

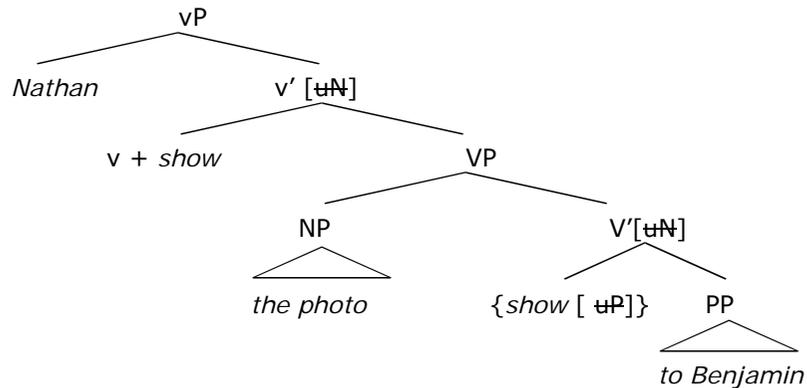
(19)



O novo nível corresponde ao nível causativo, e o *verbo causativo* pode também ser chamado de *verbo leve* (*light verb*). Quando a grade temática do verbo exige uma estrutura com três posições, a estrutura com verbo causativo dá conta das três posições de forma que todos os argumentos recebam papel- θ . Notem que, com essa proposta, descartamos a

necessidade de adjunção do PP ao nível v', conforme propusemos na estrutura em (14), de sorte que esse PP será inserido pela operação JUNTAR diretamente na posição de complemento do verbo lexical.

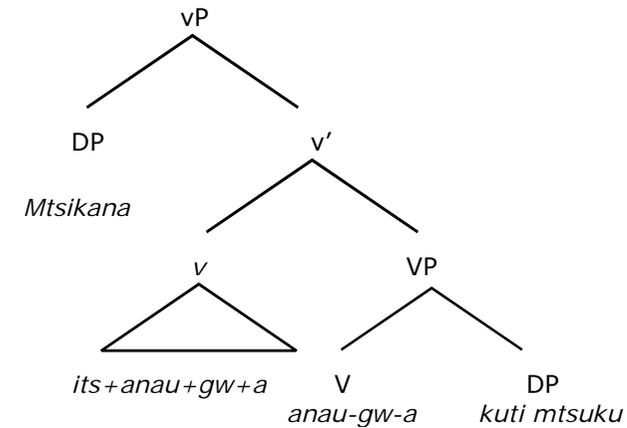
(20)



Em sentenças causativas (como no chichewa e no francês), o verbo lexical, núcleo do VP, move-se para a posição de núcleo de vP, numa operação chamada *Conflation*⁸, conforme mostra a derivação em (20).

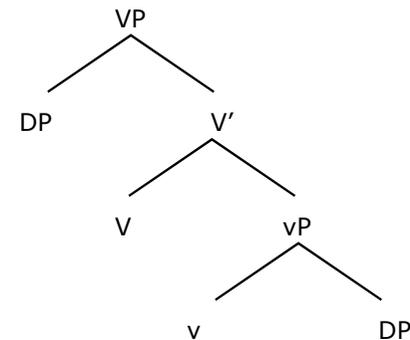
⁸ Utilizamos o termo "Amálgama" como tradução do termo em inglês *Conflation*, seguindo proposta de Marcelino (2007). De acordo com Hale & Keyser (2002), Amálgama pode ser entendida como uma operação que resulta na "fusão de núcleos sintáticos": a matriz fonológica do núcleo do complemento é inserida no núcleo que a governa (seja ele vazio ou afixal). Em relação aos exemplos aqui apresentados, a noção de Amálgama é mais próxima do que ocorre no francês, em que V⁰ move-se para juntar-se a uma categoria vazia v. No chichewa, ocorre uma incorporação de um afixo causativo no V⁰ movido. A noção de Amálgama pode ser encontrada em outros trabalhos como Talmy (1985, 1991, 2007), Ungerer & Schmid (1996) e Hale & Keyser (1993, 1999, 2002).

(21)



Conforme visto anteriormente, há uma relação entre propriedades seletivas e papéis- θ . A projeção dos elementos na estrutura depende dos traços seletivos do núcleo que necessitam ser checados. Entretanto, o nível vP não recebe um papel- θ de VP que permita a sua projeção. É necessário, então, algo que garanta a projeção do nível vP. A "Hierarquia de Projeções", nesse caso, determina que sempre que houver um v, haverá sempre um VP complemento de v. A Hierarquia de Projeções evita ainda que certas construções sejam feitas, como abaixo:

(22)



Até aqui, a proposta da estrutura da sentença definiu que o nível VP, na verdade, é um nível VP em "conchas" (vP

shells): existe VP que contém traços seletivos não-checados que determinam a projeção de complementos, na primeira operação Juntar, e de especificadores, na segunda operação Juntar e um segundo nível, vP, que determina a projeção de um nível de verbo causativo. Podem existir ainda adjuntos que se incorporam através de uma operação Adjungir, sem a necessidade de checagem de traços. Apesar de essa estrutura estar definida, ela não tem ainda mecanismos que garantam a ordem das diferentes operações. Além disso, existe o problema da atribuição de papéis- θ : na estrutura de verbos ditransitivos, o papel- θ Agente é atribuído na posição de especificador de vP. Em termos de aquisição de língua, o fato de a criança ter que aprender a posição de atribuição de papéis- θ para cada estrutura sintática significa um sobrepeso na aprendizagem⁹.

Uma solução que garanta a ordem das operações de constituição da estrutura sintática e o problema de aquisição é propor que haja uma relação estreita entre a estrutura temática e a estrutura sintática. Essa hipótese é chamada de *Hipótese da Uniformidade de Atribuição Teta (Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis – UTAH)*¹⁰:

(23) UTAH: Identical thematic relationships between predicates and their arguments are represented syntactically by identical structural relationships when items are Merged¹¹.

Em outras palavras, a hipótese da UTAH elimina, de uma só vez, o problema de ordem de checagem de traços e os casos em que o papel de Tema da estrutura pode ficar na posição de especificador ou complemento de VP, e o papel de Agente pode ficar na posição de especificador de vP ou especificador de VP.

⁹ Esse problema é comumente referido como Linking Problem por Phillips (2003), "que consiste em relacionar desenvolvimento linguístico (...) em termos do modo como operações computacionais (explicitadas em uma derivação linguística) seriam implementadas no cérebro." (Correa, 2005).

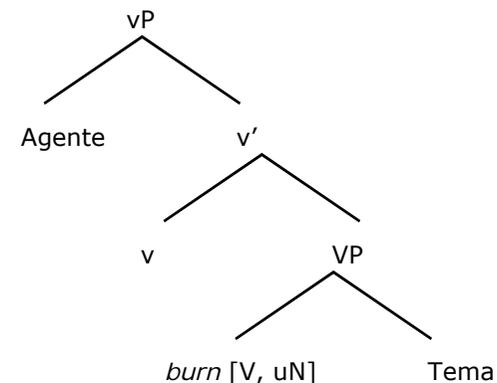
¹⁰ BAKER. (1988).

¹¹ UTAH: Relações temáticas idênticas entre os itens são representadas por relações estruturais idênticas quando esses itens são juntados.

Para conciliar as posições variáveis do argumento que apanha papel temático de tema/paciente, particularmente nas construções médias, a UTAH assume que todos os Agentes aparecem na posição de especificador de vP. Com relação ao Tema, assumimos que, em verbos transitivos, ele é o complemento, e nos ditransitivos, ele é especificador de VP. Em ambos os casos, porém, o Tema é filho de VP. Em relação ao Alvo, assumimos que sua posição é como filho de V'. Portanto, tem-se uma configuração única de estrutura de frase, a saber:

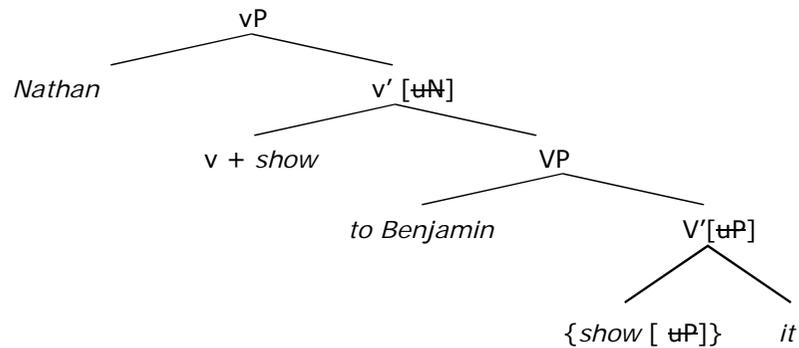
- (24) a) NP filho de vP → interpretado como Agente
 b) NP filho de VP → interpretado como Tema
 c) PP filho de V' → interpretado como Alvo

(25)



Assumir a UTAH também nos dá uma resposta para a questão de ordem de checagem dos traços seletivos. Se os traços são checados ao contrário, a UTAH é violada:

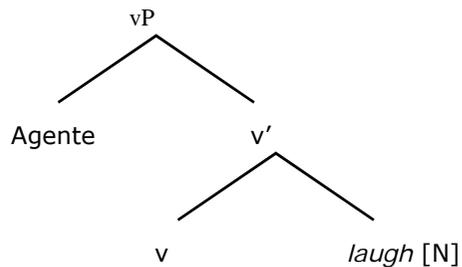
(26)



Pelo exemplo acima, é evidente que não há interpretação que possa ser dada para o PP *to Benjamin*, uma vez que ele não é filho de V'. Há uma restrição de checagem de traços que não permite que esse tipo de estrutura seja construída.

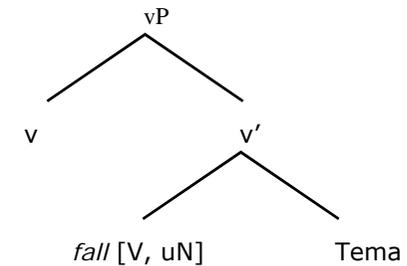
A UTAH também pode fazer várias previsões específicas sobre as estruturas associadas com predicados inergativos e inacusativos.

(27) Inergativos como *run, laugh, jump*:



Intuitivamente, essa estrutura significa algo como X é a causa de um evento de risada. Ele é diferente da estrutura de um verbo inacusativo:

(28) Inacusativos como *fall, collapse, stand*:



A interpretação dada a essa estrutura seria algo como: X sofre um evento de cair não causado. Na estrutura inacusativa, o núcleo é semanticamente não-causal e portanto não introduz um DP Agente na posição de especificador.

A UTAH prediz que os inacusativos e inergativos mostram diferenças sintáticas que estão, por exemplo, associadas ao fato de seu único argumento nuclear ser gerado em posições estruturais distintas. Como evidência de que isso acontece, vejamos os exemplos do italiano a seguir:

(29) *Molte ragazze telefonano.*
Muitas garotas telefonam.
"Muitas garotas estão telefonando".

Notem que o verbo *telefonar* é inergativo, uma vez que o seu único argumento é interpretado como Agente. Já com o verbo *chegar*, o seu único argumento é interpretado como recebendo papel temático de Tema.

(30) *Molte ragazze arrivano.*
Muitas garotas chegam.
"Muitas garotas estão chegando".

A UTAH prediz que há diferentes estruturas para os dois tipos de verbos. Ademais, os dois tipos de verbos se comportam de maneira diferente com relação a certos diagnósticos sintáticos. O mais famoso desses diagnósticos é a seleção de auxiliares. Assim sendo, quando colocamos as sentenças acima no aspecto perfectivo, a seleção do auxiliar

refletirá uma importante diferença quanto ao tipo semântico do verbo:

- (31) a) *Molte ragazze hanno telefonato.*
Muitas garotas tem telefonar-PART PASS.3ª SG
"Muitas garotas telefonaram".
- b) *Molte ragazze sono arrivate.*
Muitas garotas são chegar-PART PASS.3ª PL
"Muitas garotas chegaram".

Observem que a escolha do auxiliar acima mostra que verbos inergativos selecionam o auxiliar **hanno**, enquanto os verbos inacusativos selecionam o auxiliar **sono**.

A arquitetura do sistema

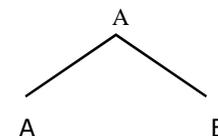
Como visto acima, a estrutura sintática é resultado da aplicação de uma série de operações formando sintagmas cada vez maiores. Nesse processo, estão envolvidas as operações Juntar, Adjunir e Mover. Tecnicamente, esse processo de construção de objetos sintáticos cada vez maiores através de operações sintáticas é chamado de "derivação".

Como o processo de derivação envolve a criação de objetos sintáticos maiores a partir de objetos sintáticos menores, pode-se argumentar que a derivação final é composta de sub-derivações que vão construir as partes constituintes de uma sentença. Ao adjunir um VP a um PP, as derivações menores devem construir, separadamente, o PP e o VP.

Para que ocorra a derivação, é necessária a entrada (*input*) de elementos na estrutura. Esses elementos são os itens lexicais, que consistem de traços fonológicos, semânticos e sintáticos. Grosso modo, a noção de item lexical está próxima da noção de palavra. O conjunto de itens lexicais que fazem parte da derivação recebe o nome de "numeração".

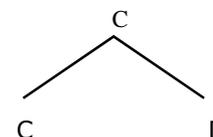
O sistema sintático toma uma numeração como entrada (*input*) e dá como saída (*output*) uma série de estruturas sintáticas. A primeira tarefa de uma derivação é Selecionar o item lexical de uma "numeração". Se nenhuma operação sintática pode ser aplicada a um item lexical, a operação Selecionar se aplicará a outro item lexical. A partir disso, a sintaxe pode Juntar ou Adjunir esses dois itens para formar um novo objeto sintático. Uma vez que a operação sintática foi aplicada, temos uma etapa (*step*) da derivação:

- (32) a) Etapa 1: Selecionar A
b) Etapa 2: Selecionar B
c) Etapa 3: Juntar A e B



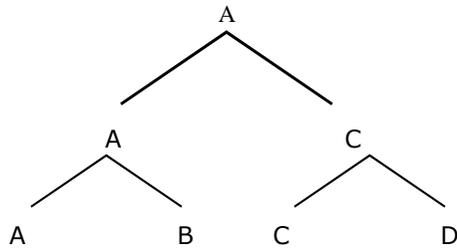
A partir desse ponto, o sistema pode aplicar uma nova operação Juntar/Adjunir incorporando um novo item ao objeto AB ou pode ainda aplicar Juntar a dois novos itens:

- (33) a) Etapa 4: Selecionar C
b) Etapa 5: Selecionar D
c) Etapa 6: Juntar C e D



O sistema pode aplicar um novo Juntar/Adjunir aos dois objetos construídos, ou selecionar um novo item lexical:

(34) Etapa 7: Adjungr a saída das Etapas 3 e 6



Quando não for mais possível selecionar itens lexicais e a numeração se exaurir, a derivação termina. Quando isso acontece e todos os traços ininterpretáveis são checados, a estrutura converge; se a derivação termina, mas existem traços ininterpretáveis sem checagem, o sistema trava (em analogia a um programa computacional). A seguir, um exemplo mais concreto do processo de formação do sintagma:

(35)

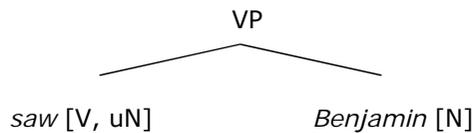
Numeração

[*saw*, *v*, *Sam*, *Benjamin*]

Derivação

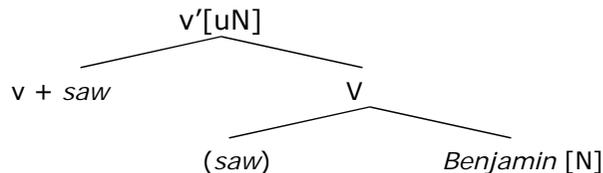
Etapa 1: Seleccione *saw* e *Benjamin*, junte, satisfazendo o traço uN de *saw*.

Saída:



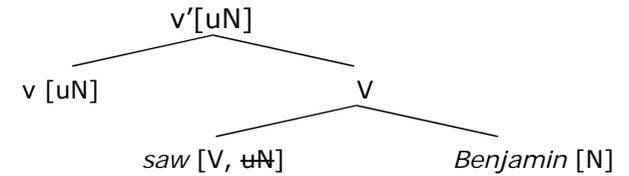
Etapa 2: Seleccione *v* e junte com a saída da Etapa 1, respeitando a Hierarquia de Projeções.

Saída:



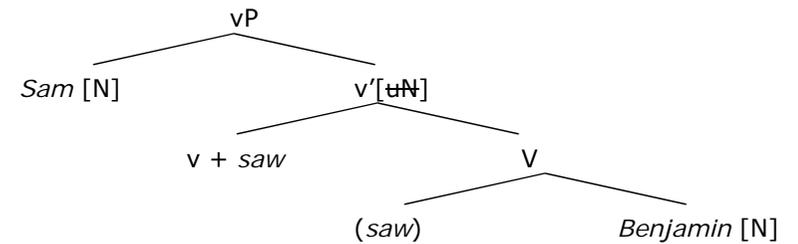
Etapa 3: Move *saw* para *v*.

Saída:



Etapa 4: Seleccione *Sam* e junte com a saída da Etapa 3, satisfazendo o traço um de *v'*.

Saída:



Em termos de complexidade, a operação Juntar é muito simples: ela simplesmente toma um item lexical ou a saída de operações anteriores como entradas. A operação Mover é mais complexa. Ela foca uma parte da árvore que já foi construída por operações anteriores e faz uma cópia do item, que irá então se juntar a outra parte da árvore.

Para que a sentença convirja, o objeto sintático construído a partir da derivação precisa interagir com outras estruturas da mente que gerenciam o significado das estruturas geradas. Essas estruturas gerenciadoras do significado são chamadas de *Sistema Conceitual-Intencional* (CI). A interação entre o Sistema Sintático e o Sistema Conceitual-Intencional só é possível pela forma como o Sistema Sintático dispõe os traços semânticos dos itens lexicais. Por isso é que a ordem das palavras e flexões morfológicas tem efeito no significado. Existe um "nível de interface" entre a

derivação e o sistema CI, chamado *Forma Lógica* (LF¹²), em que regras de interface são aplicadas.

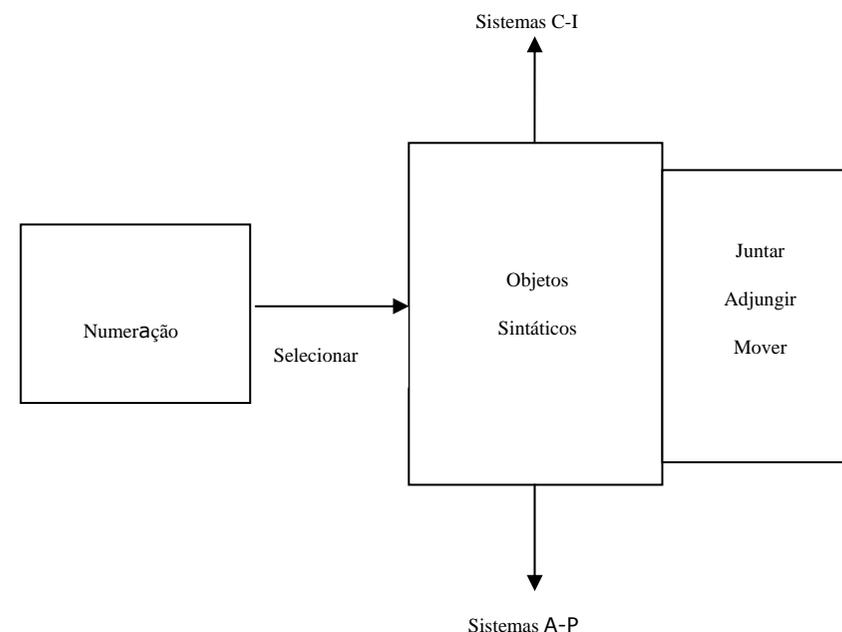
Existe ainda outro nível de interface, em que ocorrem regras que permitem que outras estruturas da mente possam decodificar a estrutura sintática numa forma que possa ser realizada através de gestos articulatórios sonoros. Essa estrutura externa da mente é chamada de *Sistema Articulatório-Perceptual* (AP). Entretanto, a interface entre a estrutura sintática e o sistema AP não é sintático. Uma estrutura sintática da derivação é a entrada para outros processos não-sintáticos, como regras fonológicas, morfológicas, etc. Essa estrutura intermediária é chamada de *Spellout*, que é um conjunto de operações que se aplicam a uma estrutura sintática para originar uma representação que faz interface com o sistema AP. Essa representação é conhecida como *Forma Fonética* (PF¹³). É importante, entretanto, distinguir o *Spellout* da PF; esta é um nível que faz interface com sistemas externos da língua, enquanto aquele é uma estrutura arbórea na qual várias operações não-sintáticas podem ainda se aplicar.

Para concluir, podemos resumir a arquitetura geral do sistema pelo seguinte esquema:

¹² Do inglês *Logic Form*.

¹³ Do inglês *Phonetic Form*.

(36)



As operações para a derivação ocorrem recursivamente, como indicam as setas do esquema. Um dos objetos sintáticos entra em interface com os Sistemas Conceituais-Intencionais (LF) e o outro entra em interface com os Sistemas Articulatório-Perceptuais (Ponto de *Spellout*). Pode-se concluir que o sistema aqui proposto é o de que a sintaxe é altamente derivacional. Finalmente, outras teorias propõem que não existe nenhuma derivação, mas um conjunto de restrições/condicionamentos impostos pelas regras da sintaxe-interna e os níveis de interface interna da língua.

Referências

- ADGER, David. Representing Phrase Structure. In: _____. *Core Syntax: A Minimalist Approach.*, 2002, p. 104-154
- BAKER, Mark. *Incorporation: a theory of grammatical function changing.* Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding.* Dordrecht: Foris, 1981.
- CORREA, Letícia M.S. *Uma hipótese para a relação entre processador linguístico e gramática numa perspectiva minimalista.* In: CONGRESSO INTERNACIONAL da ABRALIN, IV, 2005, Brasília. *anais do ...* : Universidade de Brasília, 2005, p.353-364.
- MARCELINO, Marcelo. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2.* Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

Aspecto e sintaxe da estrutura argumental¹

Yara Rosa Bruno da Silva²

Introdução

O termo *estrutura argumental* se refere à configuração sintática projetada por um item lexical. É um sistema de relações estruturais estabelecidas entre os núcleos e seus argumentos dentro das estruturas sintáticas projetadas pelos núcleos.

A estrutura argumental é determinada por propriedades dos itens lexicais, em particular, pelas configurações sintáticas nas quais eles devem aparecer. Há apenas duas relações sintáticas, complemento e especificador, definidas de modo a impedir a proliferação de estruturas não-binárias e a permitir apenas estruturas binárias.

Essas afirmações delimitam um certo projeto, isto é, de averiguar até que ponto o comportamento de itens lexicais é devido a relações estruturais.

Tomamos (01) e (02) como sendo estruturalmente distintos.

- (01) The pot broke.
- (02) The engine coughed.

Essa diferença estrutural é relevante para o comportamento de tais verbos em relação a alternância de transitividade causativa-incoativa padrão.

- (03) I broke the pot.
- (04) *I coughed the engine.

¹ Este texto constitui uma adaptação e tradução do artigo intitulado "Aspect and the Syntax of Argument Structure", elaborado por K. Hale e S. J. Keyser. Disponível em: <web.mit.edu/linguistics/events/tributes/hale/papers/Ch.9_Aspect_and_Arg_Str2.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2009.

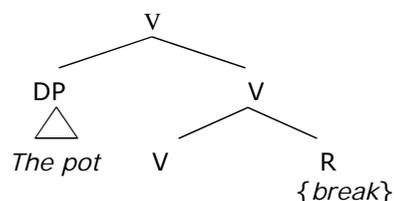
² Mestranda na área de Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem (PosLin) da FALE/UFMG. e-mail: yararbs@gmail.com.

As propriedades que distinguem os dois verbos são as seguintes: o verbo *break* (01) e (03) tem como elementos estruturais uma raiz (R) e um hospedeiro verbal (V).

(05) R, V

O componente tem a propriedade de tomar um complemento, realizado aqui como a raiz. A raiz contém características fonológicas e semânticas associadas com a entrada no dicionário do item lexical *break*. O comportamento da raiz requer um especificador, como mostrado em (06).

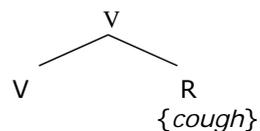
(06)



Essa é uma característica essencial da raiz {R, *break*}, importante para a propriedade sintática central do verbo, a alternância de transitividade observada.

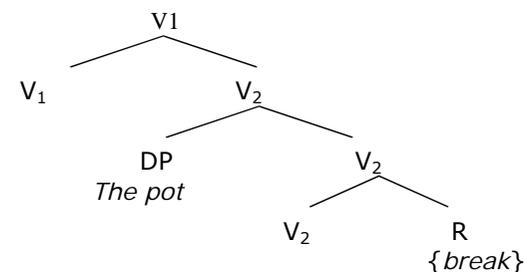
O verbo *cough*, do mesmo modo, consiste de duas partes, uma raiz e um núcleo verbal. Mas ao contrário de *break*, a raiz de *cough* não exige um especificador, não podendo o verbo projetar um especificador.

(07)



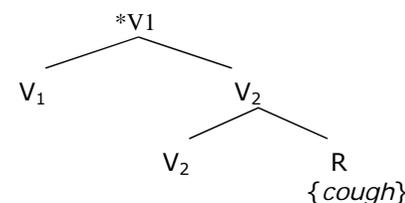
A agramaticalidade de (04) se deve à presença de um especificador numa estrutura em que é inaceitável. A transitivização representada por (03) é, em princípio, automática, resultado da combinação, via operação Juntar, de (06) e um núcleo verbal V, conforme indica a representação a seguir.

(08)



O mesmo não acontece em (07). Aqui, o verbo *cough* não pode ser transitivizado, pois não licencia um argumento interno.

(09)



A raiz {*cough*} não força o verbo a projetar um especificador. Em geral, mas com algumas exceções, essa propriedade é dividida por elementos R que existem independentemente como núcleos lexicais de projeções nominais, isto é, como nomes. Isso contrasta com os adjetivos, que geralmente forçam a projeção de um especificador.

Há ainda outros aspectos que precisam ser incorporados ao estudo para que haja um entendimento completo desses verbos.

As sentenças (01) e (02) são idênticas em estrutura, representando o quadro intransitivo canônico DP V. Mas elas não são estruturalmente isomórficas, já que seu comportamento em relação à transitivização as distingue de uma maneira que implica estrutura, não algum outro fator.

As orações seguintes também são estruturalmente distintas, apesar de dividirem a mesma estrutura superficialmente.

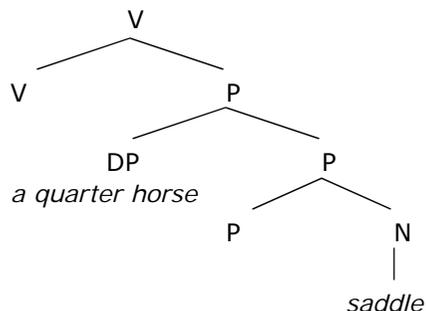
- (10) a) He saddled a quarter horse.
b) He made a fuss.

A diferença é revelada no seu comportamento em relação à construção média:

- (11) a) A quarter horse saddles easily.
b) *A fuss makes easily.

Acreditamos que a assimetria seja devida a um fator estrutural. Um verbo pode participar de uma formação média se, e somente se, seu complemento for uma estrutura diádica e, conseqüentemente, contiver um especificador, como exemplificado em (12), a estrutura associada a (10a):

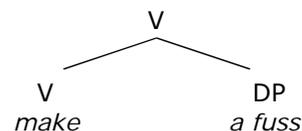
(12)



A construção média envolve um número de problemas amplamente discutidos na literatura (cf. ACKEMA e SHOORLEMMER, 1995; CONDORAVDI, 1989; FAGAN, 1988; KEMMER, 1993; KEYSER e ROEPER, 1984; entre outros). Entretanto, do ponto de vista de sua essência gramatical, nós afirmamos que a média simplesmente cancela a relação de governo de V, forçando o Spec a alçar para a posição de sujeito sintático.

Assim, (10b) não pode aparecer numa construção média porque a estrutura atribuída ao verbo *make* nesse contexto falha na exigência básica. Seu complemento, um DP, não apresenta especificador (no sentido requerido):

(13)



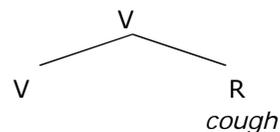
Um entendimento completo das construções médias envolverá outros componentes linguísticos. O propósito dessa discussão é examinar certos casos em que a estrutura argumental, como definida acima, interage com outros sistemas linguísticos, incluindo os seguintes:

- (14) a) Conflação e Seleção.
b) Juntar e obviative.

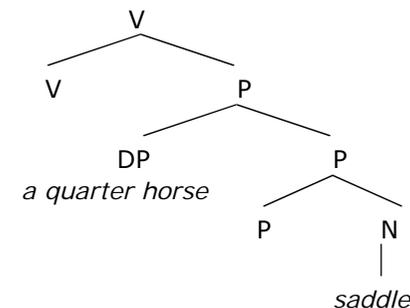
Conflação e seleção³

Conflação é um termo que usamos para nos referir à instanciação (realização/preenchimento material) fonológica de verbos leves em construções verbais denominais. Para sermos mais precisos, *conflação* está relacionada com a forma como os verbos acabam incorporando a matriz fonológica de seu complemento nominal, caracterizado-se como um problema. Observamos isso nos exemplos (02) e (10a), repetidos abaixo como (15).

(15) a)



b)



³ Tradução dos termos em inglês *Conflation* e *selection*. (nota do organizador).

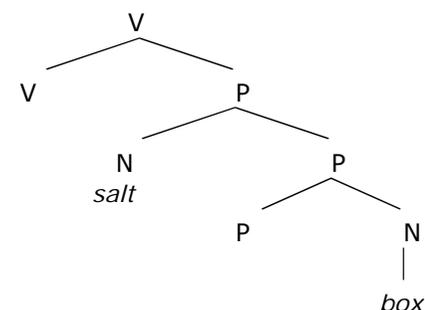
Verbos do tipo *cough* e *saddle* requerem um tipo de movimento, resultando por fim, na incorporação da matriz fonológica do nome relevante ao núcleo de V. Parece apropriado propor que a operação de movimento nessas derivações seja do tipo "Incorporação", no sentido técnico de Baker (1988). No entanto, essa ideia foi abandonada porque incorporação gera de maneira descontrolada e incorreta, permitindo incorporação da posição de especificador interno. Não restringida, a incorporação permitirá formas como (16):

- (16) a) *They salted in the box.
 (cf. They boxed the salt)
 b) *They tiled with grout.
 (cf. They grouted the tile)

Uma operação de *conflação* restringida de forma apropriada precisa ser estritamente local, relacionando um núcleo (V) e o núcleo de seu complemento (V, P, N). As relações expressas em (15) são locais no sentido exigido. Então, em (15a), o nome *cough* é o núcleo do NP que é complemento de V. E em (15b), há duas relações locais relevantes a considerar. Essas são P e seu complemento *saddle*, e V e seu complemento P. Essa cadeia de relações locais permite a *conflação* de V com *saddle*.

Uma maneira levemente diferente de pensar sobre relação estrutural que é relevante para a *conflação* é em termos de *seleção*. A localidade estrita (se mantém) para a *conflação* se o núcleo governante (V) seleciona o Alvo X⁰ na posição de seu complemento. Isso garante localidade e impede *conflação* de um especificador, que não tem relação estrutural com o núcleo regente. Em (17b), o núcleo *box* é selecionado por P, e P, por sua vez, é selecionado por V; mas *salt* não é selecionado por V ou qualquer outro núcleo em (17):

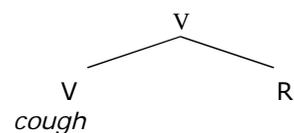
- (17) a) *They boxed salt.
 b)



A seleção garante a relação estrutural correta – um núcleo X⁰ pode entrar numa relação de *conflação* com o núcleo de seu complemento C, se X⁰ seleciona C.

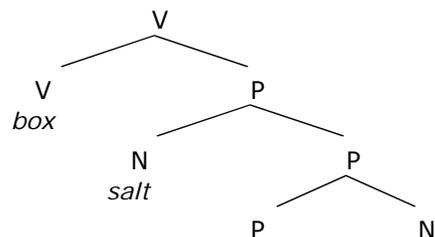
Qual é o mecanismo pelo qual X⁰, o núcleo regente, adquire a matriz fonológica implicada na relação *conflação*? Isso também precisa ser apropriadamente restringido. Nós rejeitamos incorporação porque ela é restringida por regência, não por seleção. Uma possibilidade para a realização fonológica de X⁰ em *conflação* é essa: na operação Juntar, a estrutura, definida por X⁰ e seu complemento C, recebe um rótulo. No caso mais simples, o rótulo é determinado pelo núcleo, X⁰. Nós assumimos que o rótulo inclui informação sobre a matriz fonológica de X⁰, um conjunto organizado de propriedades fonológicas. Mas suponha que X⁰ não tenha propriedades fonológicas. Neste caso, vamos supor que X⁰ assume as propriedades fonológicas de seu complemento. Isso está em perfeita conformidade com a estrita localidade exigida pela *conflação*. A matriz fonológica *cough* é transferida para V na operação Juntar V⁰←R⁰ em (15a), gerando (18), como verbo visível na sintaxe e complemento visível:

- (18)



Similarmente, em (17b), a matriz fonológica *box* é transferida para P na operação Juntar P←N e então para V na operação Juntar V←P, resultando em (19):

(19)



Há um problema com essa concepção de *conflação*. Considere o par:

- (20) a) He danced.
b) He danced a jig.

Verbos que são candidatos para *conflação* aparecem em construções como (20a). Mas virtualmente todos esses verbos também aparecem em construções com (20b), na qual a matriz fonológica (*dance*) precisa ser considerada em algum sentido "básico". Enquanto *dance* poderia ser derivado do complemento em (20a), isso não parece tão óbvio como poderia ser em relação a derivação do complemento em (20b). Em síntese, precisamos assumir que o verbo *dance* está inserido dessa forma no léxico, completo com sua matriz fonológica cheia.

Isso desafia o fundamento básico da *conflação* como uma teoria de realização fonológica. Exceto como um item de terminologia, *conflação* deixa de existir. A relação contida por esse termo reduz a outra plenamente estabelecida, *seleção*. Nós já sugerimos que *seleção* é uma condição para que ocorra a *conflação*. Suponha que nós continuemos com esse pensamento (adicional) e simplesmente identifiquemos *conflação* com *seleção*, incluindo aquela dentro desta última. A ideia seria que o verbo cheio em (20a), por exemplo, seria rico o suficiente em propriedades semânticas para licenciar

uma categoria vazia funcionando como seu complemento. Esse é um tipo de *seleção*, uma vez que o verbo identifica a categoria vazia como um hipônimo de "*dance*", isto é, um membro da classe de entidades que se classificam como danças. Essa concepção do assunto possui vantagem em relação à semântica envolvida em (20a), onde o complemento é não-visível na sintaxe. O complemento não-visível, *a jig*, é identificado como um hipônimo de *dance*.

Um complemento não-visível é possível se for selecionado no sentido indicado, isto é, identificado como um hipônimo pelas propriedades semânticas inerentes no verbo governante. Segue-se então que os chamados *light verbs* não podem licenciar um complemento não-encoberto:

- (21) a) *The builder made [Nec].
b) *The children did [Nec].
c) *They put the books [pec].

Nesta seção, estávamos preocupados com um aspecto da interface da sintaxe e fonologia. O problema com o qual iniciamos essencialmente evaporou, uma vez que o licenciamento de complementos nulos é apropriadamente entendido como um efeito da *seleção*. Com essa realização, a ideia de que *conflação* envolve incorporação, ou o que for, de um complemento dentro de um P governante ou V desaparece inteiramente da teoria da realização fonológica de verbos como *laugh*, *cough*, *corral* (*the horses*), *saddle* (*the horses*), e a gama de verbos denominais. A solução a que chegamos nesta discussão não infringe a teoria da estrutura argumental assumida aqui.

Juntar⁴ e obviative

Na discussão que acabamos de concluir, o papel especial dos elementos raiz veio à tona. Para o presente propósito, manteremos um verbo como *dance*, por exemplo, que possui dois componentes, (i) uma assinatura categorial V e (ii) a

⁴ Tradução do termo em inglês *Merge*. (nota do organizador).

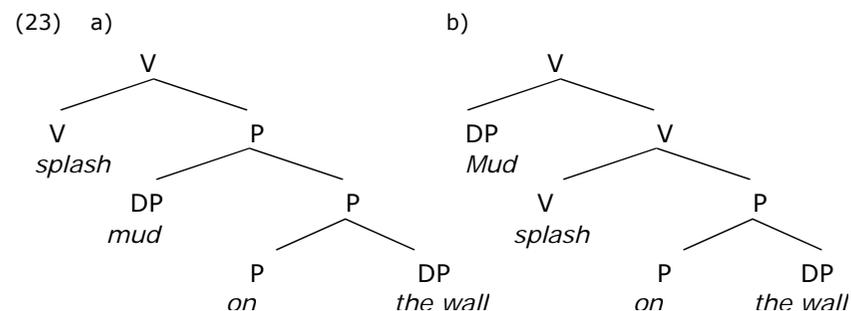
componente raiz *dance*, um item lexical central compreendendo a matriz fonológica correta (ou matrizes) e a estrutura semântica correta. A matriz fonológica determina a pronúncia do verbo, e nós concluímos que ela é inerente ao verbo, não movido ou incorporado de seu complemento. Incorporação existe de fato como um processo na sintaxe de projeções verbais; o alçamento do verbo é o mecanismo central na derivação de transitivos (ex. transitivo *break* do inacusativo *break*), e a incorporação de objeto é o processo envolvido na derivação de verbos deadjetivais (como em *redde*n, *thicken*). Mas o vasto inventário dos chamados verbos denominais é gerado na base, no sentido de que suas matrizes fonológicas estão presentes na entrada lexical.

Já observamos um dos efeitos sintáticos da semântica de um elemento raiz. Essa é a relação que chamamos *seleção*, seguindo a tradição. As propriedades seletivas de uma raiz podem ser fortes o suficiente para impor uma interpretação particular sobre um complemento não-visível (*dance a jig*), ou podem ser fortes o suficiente para licenciar um complemento visível (*dance*). Alternativamente, elas podem ser tão fracas para licenciar um complemento não-encoberto, como no caso dos *light verbs* (*make, do, have, take*).

Consideremos agora um outro aspecto da semântica dos elementos raiz. Observe o seguinte par, ilustrando uma alternância de transitividade comum em inglês:

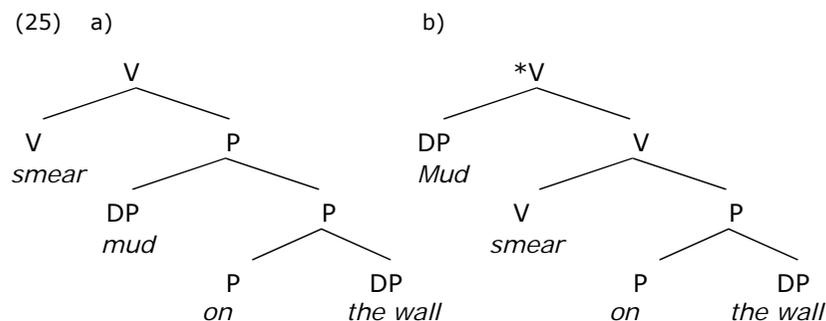
- (22) a) The kids splashed mud on the wall.
 b) Mud splashed on the wall.

A alternância transitiva resulta da “imediate gratificação” da exigência de especificador de P, como mostrado em (23a); e a variante intransitiva resulta da “gratificação atrasada” da exigência, como em (23b):



As duas alternâncias (HALE e KEYSER, 2000b) são definidas diretamente e automaticamente pela operação *Merge* (Chomsky, 1995). A alternância mostrada aqui deveria ser sempre possível, mas não é, como vemos em (24), onde a alternância é agramatical:

- (24) a) The kids smeared mud on the wall.
 b) *Mud smeared on the wall.

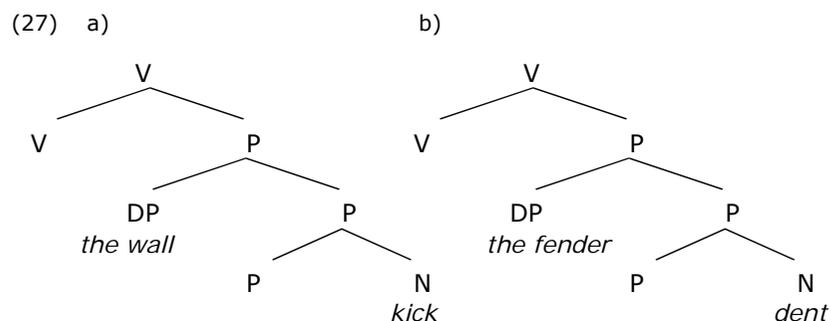


A diferença entre esses dois verbos reside nos componentes semânticos dos seus elementos raiz. Especificamente, a diferença é encontrada no que podemos chamar “fator modo” inerente na semântica do elemento raiz. O verbo *splash* em (22) envolve uma propriedade “modo” que está em um sentido claro ligada ao argumento interno *mud*. Isso representa movimentos e disposição de um “material” particular associado a *mud*, não ao argumento externo. Essa relação é preservada em ambas as alternâncias — a transitiva e a intransitiva. Em contraste, o verbo *smear* em (24) é caracterizado por uma “propriedade modo” ligada externamente, isto é, envolvendo um movimento

associado ao argumento externo. Essa relação é, naturalmente, interrompida na alternância intransitiva delineada em (25b). O fator *smear* não pode ser ligado ao argumento externo, já que a posição será tomada pelo argumento interno, alçado na sintaxe sentencial. Assim sendo, a sentença é agramatical (HALE e KEYSER, 1999).

Verbos de impacto e choque (*concussion*) se comportam de maneira semelhante:

- (26) a) Leecil kicked the wall.
b) The bronc rider dented the fender.



Isso representa uma concepção estrutural mais antiga, claro; de acordo com a seção anterior, as matrizes fonológicas das raízes nominais *kick* e *dent* apareceriam em V, como partes inerentes das entradas lexicais dos verbos. A relação entre os núcleos V-P-N é agora vista como *seleção*, ao invés de *conflação*, como em modelos anteriores. Entretanto os elementos nominais simbolizados por N (interpretados aqui como *kick* e *dent*), apesar de serem fonologicamente realizados, estão crucialmente presentes na estrutura de (27), na função indicada (complemento de P). Suas propriedades semânticas desempenham um papel na sintaxe sentencial, como visto em relação à Construção Média:

- (28) a) *This wall kicks easily.
b) This fender dents easily.

As propriedades semânticas de *kick* envolvem de forma inevitável um fator modo ligado externamente; um chute,

pode-se dizer, é a propriedade de uma entidade de dar um chute (*kick* = *give it a kick*). Por essa razão, (28a) é agramatical. A exigência de *kick* ser externamente ligado não pode ser satisfeita aqui. A natureza peculiar da Construção Média é eliminar o argumento externo. Então, não afeta (28b), já que o fator modo inerente em *dent* é ligado de maneira intrínseca. O argumento interno não é afetado no seu caráter sintático pela Construção Média, pois a relação de ligação exigida é satisfeita aqui.

Predicados psicológicos também exibem um comportamento que é relevante para essas observações. Considere o par em (29):

- (29) a) *John loves easily.
b) John angers easily.

Como era de se esperar, predicados *obviative* (sujeito experienciador) não podem formar médias, já que a operação elimina o argumento externo, necessário para satisfazer a exigência de ligação externa do fator semântico do verbo (isto é, a semântica de *love*, uma raiz ligada externamente). O predicado *proximate* (objeto experienciador) *anger* permite formação média, já que o fator semântico *anger* é internamente ligado.

Os dois tipos de predicados psicológicos expõem um número de bem conhecidas diferenças, incluindo a anáfora, por exemplo. É possível também que haja diferenças nas atribuições das leituras “tética” e “categorial”. Considere as sentenças em (30), escritas de modo a refletir a pronúncia de acordo com o pico de entonação dos verbos:

- (30) a) The TV bóthers Bill.
b) John respécts Bill.

Parece-nos que (30a) é uma leitura tética. Dessa forma, não é essa uma construção de predicação padrão. Mas (30b) é um julgamento categorial. O pico de entonação no verbo aqui é contrativo. Nenhuma manipulação da entonação causa uma interpretação tética sem dificuldades. Interpretações

tética e categorial são correlatas das raízes semânticas *proximate* (objeto experienciador) e *obviative* (sujeito experienciador), sugerindo que a ligação externa é incompatível com o julgamento tético de sentenças.

Uma raiz como *dent*, por exemplo, estando *proximate* (internamente ligada) permitirá a formação da média, uma operação que elimina o argumento externo. Em contrapartida, uma raiz com *kick* é *obviative* (externamente ligada), não pode permitir formação média, já que sua exigência de ligação externa não pode ser encontrada na construção.

Semiliterativo *re-*

O interesse no elemento semiliterativo *re-* é mais sintático do que semântico, mas como outros exemplos discutidos aqui, representa uma interface sintaxe-semântica. Nossa preocupação é com o seguinte paradigma, baseado em Keyser e Roeper (1992):

- (31) a) We heated the soup.
b) We reheated the soup.
c) We heated the soup up.
d) We heated up the soup.
e) *We reheated the soup up.
f) *We reheated up the soup.

O assunto que nos interessa é a distribuição complementar entre a partícula e o prefixo *re-*. A mesma exclusão mútua é observada entre a partícula e o prefixo *over-*:

- (32) a) We overheated the soup.
b) *We overheated the soup up.

Consideraremos uma análise desses fenômenos que os explica em termos do fato ilustrado pelas seguintes formas verbais:

- (33) a) cool down.
b) cool off.
c) *cool off down.
d) *cool down off.

A má formação de (33c) e (33d) se deve ao fato de que há dois elementos em distribuição complementar.

Em Keyser e Roeper (1992), a distribuição complementar é explicada em termos de uma "hipótese clítica abstrata".

Cada verbo pode se associar a uma única posição de clítico que pode ser ocupada por um único elemento apenas. Nas construções mal formadas supracitadas, o prefixo e a partícula estão em competição pelo mesmo "slot" morfológico. O fato de que a partícula não aparece em posição afixal no verbo é devido, presumivelmente, ao movimento. A partícula, sendo uma projeção máxima, não pode ser um afixo. É esse traço, então, que preenche a posição de clítico, para a exclusão de qualquer outro elemento parecido. Os elementos *re-* e *over-* não podem co-ocorrer com a partícula *up* porque o traço desta ocupa a única posição de clítico. Do mesmo modo, a ocorrência de duas partículas constituídas com um único verbo, como em (33c) e (33d), é impossível, já que há lugar para apenas um traço.

A proposta que fazemos aqui é parecida com a análise desenvolvida por Keyser e Roeper. Digamos que o clítico seja um núcleo adjungido. Sendo assim, em princípio, não há limites para o número de adjunções-núcleos na formação de uma palavra verbal complexa; não há uma posição de clítico. Dessa forma, algum outro fator deveria determinar a distribuição dos elementos que estamos estudando.

Adjuntos não-realizados

Uma observação que coloca em dúvida a hipótese do único clítico é exemplificada pelas formas verbais em (34).

- (34) a) reheated the soup.
b) reoverheated the soup.

As formas em (34) não são elegantes, mas estão bem formadas. Se *re-* e *over-* são clíticos, no sentido de Keyser e Roeper, então sua co-ocorrência é um desafio para a hipótese do único clítico.

Enquanto os clíticos prefixais não estão em distribuição complementar entre si, eles estão em distribuição complementar

com as partículas. Como sugerimos, uma partícula é parte de uma cadeia, com o traço localizado na palavra verbal. Talvez não seja a partícula, mas o elemento encoberto a causa da má formação.

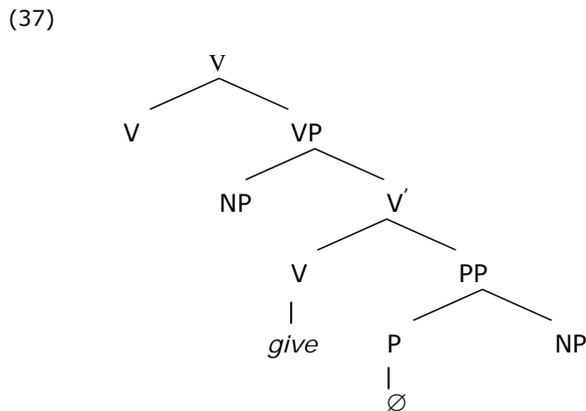
As limitações na morfologia encoberta são fundamentais em caracterizar e explicar uma ampla quantidade de estruturas mal formadas. Essas limitações estão expressas sucintamente em Myer (1984):

- (35) Myer's Generalization⁵
Zero-derived words do not permit the affixation of further derivational morphemes.

Então, se um núcleo não-realizado \emptyset é adjungido a outro núcleo X, a estrutura resultante $[\emptyset[X]]$ não pode alojar outra adjunção. O efeito dessa restrição é visto, por exemplo, nas nominalizações mal formadas em (36):

- (36) a) *John's gift of a book (by Mary).
b) *The gift of John of a book.

Em (36a) e (36b) há uma tentativa de nominalizar o verbo *give* na chamada "construção de objeto duplo", para a qual atribuímos uma estrutura com aquela associada aos "locatum verbs". Em nossa estrutura, o verbo *give* tem a função de constante lexical, como em (37):



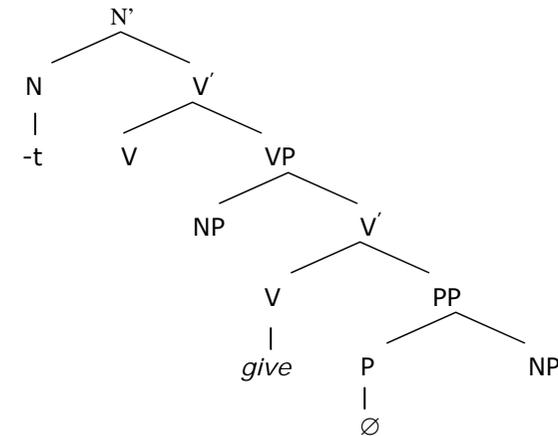
⁵ Palavras derivadas com morfema zero não permitem a afixação de outros morfemas derivacionais.

O NP superior corresponde ao Alvo; o NP inferior corresponde ao Tema, a entidade dada. O que é crucial aqui é que a preposição que governa/rege o Tema é nula e precisa, portanto, ser interpretada através do movimento, um requisito que é satisfeito pela adjunção do verbo "regente" *give*. Essa adjunção resulta na configuração apresentada em (38):

- (38) $[V\emptyset[V]]$

Este alça e substitui o V superior, dando a forma final do verbo transitivo. O V superior derivado, um produto de substituição não adjunção, apresenta a mesma configuração de (38) – isso não é, portanto, uma violação da generalização de Myer, morfologia derivacional adicional. Entretanto, essa resulta numa violação, como na nominalização:

- (39)



Aqui, a derivação da subparte verbal procede como em (37), mas a adjunção final a (N) gera uma configuração que está em clara violação da generalização de Myer:

- (40) $[N[V\emptyset[V]]-t]$

Por isso, ocorreu a má formação de (36a) e (36b). Em contraste, a nominalização formada pela construção *to*-dativo, por não envolver um adjunto nulo morfologicamente, não viola a generalização de Myer:

(41) John's gift (of a book) to Bill.

É tentador atribuir o comportamento dos prefixos *re-* e *over-* ao princípio da generalização de Myer. Considere os seguintes exemplos:

- (42) a) I sent the letter to them.
b) I resent the letter to them.
c) I sent them the letter.
d) ? *I resent them the letter.

O verbo derivado em (42d), mas não em (42b), possui uma estrutura morfológica que parece relevante para a generalização de Myer:

(43) [V re-[VØ[V]]]

O verbo em (42) deveria ser impossível. Vamos assumir, para o momento, que seja impossível. Suponha adicionalmente que atribuamos a configuração representada em (43) para as estruturas (31e), (31f) e (32b). O elemento nulo, no caso, seria um traço, de acordo com a análise de Keyser e Roeper (1992). Os efeitos que Keyser e Roeper explicaram em termos de posição única de clítico seriam, nesta visão, atribuídos ao princípio da generalização de Myer.

Esse seria um caminho para se evitar a proposta da "posição única de clítico". A restrição de unicidade observada é o efeito de um princípio estabelecido da morfologia derivacional.

Entretanto, há uma razão para colocar em dúvida esse argumento. Há problemas empíricos que não podem ser resolvidos pela generalização de Myer.

- (44) a) ? We reoffered him the job.
b) ? I rewrote him a recommendation.
c) ? She retendered them her resignation.

Embora diferentes de (36a) e (36b), as sentenças em (44) não podem ser exemplos de generalização de Myer.

Para nós, (42d) e (44) não são violações da generalização porque *re-* é originalmente uma partícula, não morfologia derivacional do tipo envolvido na derivação lexical de verbos.

Referências

- ACKEMA, Peter; SCHORLEMMER, Maaïke . Middles and Nonmovement. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 26, p. 173-197, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 13-127, 1995.
- CONDORAVDI, Cleo. The Middle Voice: Where Semantics and Morphology Meet. *Working Papers in Linguistics*, Cambridge: MIT, v. 11, p. 18-30, 1989.
- BAKER, Mark. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1988.
- FAGAN, Sarah. The English Middle. *Linguistic Inquiry* [S.l.], v. 19, p. 181-203, 1988.
- HALE, Ken; KEYSER, Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 281, 2002.
- HALE, Ken; KEYSER, Jay. Conflation. In: MARTIN, Ana Bravo; BERENGUEL, Carlos Luján; JIMÉNEZ, Isabel Pérez. (Eds.). *Cuadernos de Lingüística VII 2000, Documentos de Trabajo. Lingüística Teórica*. Madrid: Instituto Universitario Ortega y Gasset. p. 39-76. 2000a.
- HALE, Ken; KEYSER, Jay. On the time of Merge. In: JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000b.
- HALE, Ken; KEYSER, Jay. Aspect and the Syntax of Argument Structure. Cambridge: MIT, 2002. Disponível em: <web.mit.edu/linguistics/events/tributes/hale/papers/Ch.9_Aspect_and_Arg_Str2.pdf ->. Acesso em: 21 mai. 2009.
- KEYSER, Jay; ROEPER, Tom. On the Middle and Ergative Constructions in English. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 15, p. 381-416, 1984.
- KEYSER, Jay; ROEPER, T. *Re: The Abstract Clitic Hypothesis*. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 23, p. 89-125, 1992.
- MYERS, Scott. Zero-Derivation and Inflection. In: SPEAS, Margaret; SPROAT, Richard. (Ed.). *Working Papers in Linguistics*. Cambridge, MA: MIT Department of Linguistics and Philosophy, v.7, 1984.

Causativas românicas¹

Isadora Maria de Barcelos Silva²

Introdução

A sentença (01) descreve o seguinte evento em inglês: *John works hard*. Em (02), a sentença não finita de (01) é o complemento do verbo causativo *make*. A sentença (02) expressa o evento descrito em (01) e ainda o fato de que tal evento foi causado por *Peter*.

(01) John works hard.

(02) Peter made John work hard.

O termo *causativo* se refere à semântica dessas construções e expressa a ideia de que o evento *John work hard* é causado por alguém. Assim, em (02) Peter é o causador do evento, aquele que desencadeia (ou deixa de impedir) a ação praticada por *John*, que, conseqüentemente, é o causado no evento.

Chamamos causativas analíticas as sentenças encontradas no inglês em que o verbo causativo e o verbo em complemento são duas palavras independentes. Existem, porém, outros meios de expressar a causação. Em algumas línguas, há o que chamamos causativas morfológicas. Essas se caracterizam pela afixação de um morfema causativo a uma raiz verbal que expressa um evento. O resultado é um verbo causativo composto.

Podemos ilustrar essas construções com um exemplo do chichewa, uma língua banto. O verbo principal em (03) é *gw-* (cair) com morfemas de tempo e concordância (AGRS = sujeito; PAST = passado; ASP = aspecto). Em (04) o mesmo verbo é amalgamado ao morfema causativo *ets-*, formando

um único verbo *gw-ets*, que recebe também os afixos de concordância, aspectuais e de tempo.

(03) *Mtsuko* *u-* *na-* *gw-* *a*.
O pote de água AGRS - PAST- cair - ASP.
"O pote de água caiu".

(04) *Mtsikana* *a-* *na-* *u-* *gw-* *ets-* *a* *mtsuko*.
A menina AGRS- PAST- AGRO- cair- CAUS- ASP pote de água.
"A menina fez o pote cair".

Em (03) *mitsuko* (o pote de água) é sujeito da sentença, aparece em posição pré-verbal e determina a concordância (*subject agreement* - AGRS). Já em (04) o verbo causativo introduz um novo argumento, *mtsikana* (menina), sujeito do verbo complexo, que aparece na posição pré-verbal e desencadeia concordância com sujeito (AGRS). O sujeito de *gw-* em (03), (i.e., *mitsuko* se torna o objeto do verbo complexo), ocupa a posição pós-verbal, normalmente a posição de objeto em chichewa, desencadeando a concordância do objeto (*object agreement* -AGRO) com o verbo complexo.

As construções causativas no romance (do qual o italiano é um exemplo) parecem ocupar uma posição intermediária entre as causativas analíticas encontradas no inglês e as causativas morfológicas encontradas no chichewa. Como no inglês, as sentenças causativas no italiano, por exemplo, contém dois verbos: um expressando causação, *fare* (fazer), e o outro expressando o efeito da causação. Um exemplo é dado em (05):

(05) *Elena ha fatto lavorare Gianni*.
Elena fez trabalhar Gianni.
"Elena fez Gianni trabalhar".

As similaridades, no entanto, param por aqui. Apesar da morfologia nos dizer que existem duas palavras, as evidências sintáticas sugerem que *fare lavorare* (fazer trabalhar) em (05) forma um único verbo complexo que se comporta similarmente às causativas em chichewa.

¹ Este texto constitui uma adaptação e tradução do capítulo intitulado "Romance causatives", elaborado por Maria Teresa Guasti, que faz parte do livro *The new comparative Syntax*.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da FALE/UFMG. e-mail para contato: isadorabarcelos@hotmail.com

Evidências para um verbo sintaticamente complexo nas causativas românicas

Distribuição dos sujeitos de infinitivo

Nas causativas do inglês, o sujeito do infinitivo aparece entre o verbo causativo e o verbo no infinitivo. Já em romance essa ordem é proibida conforme evidencia o exemplo (06). O sujeito deve aparecer ao final da sentença, como demonstram as sentenças em (07):

- (06) a) *Elena fa Gianni lavorare.
"Elena faz Gianni trabalhar".
- b) *Elena fa Gianni riparare la macchina.
"Elena faz Gianni consertar o carro".
- (07) a) Elena fa lavorare Gianni.
Elena faz trabalhar Gianni.
"Elena faz Gianni trabalhar".
- b) Elena fa riparare la macchina a Gianni.
Elena faz consertar o carro a Gianni.
"Elena faz Gianni reparar o carro".

Nas causativas baseadas em verbos transitivos o sujeito do infinitivo, *Gianni*, deve aparecer depois do objeto direto *la macchina*. Além disso, deve ser precedido da preposição *a*.

Nas sentenças declarativas, o argumento interno de verbos inacusativos pode aparecer seja na posição pré ou pós-verbal:

- (08) a) Arriverà Gianni in ritardo.
"Chegará Gianni atrasado".
- b) Gianni arriverà in ritardo.
"Gianni chegará atrasado".

Nas causativas baseadas em verbos inacusativos, o argumento interno do infinitivo deve aparecer na posição pós-verbal.

- (09) *Il treno ha fatto Gianni arrivare in ritardo.
"O trem fez Gianni chegar atrasado".
- (10) Il treno ha fatto arrivare Gianni in ritardo.
"O trem fez chegar Gianni atrasado".

Em romance, a ordem dos complementos dos verbos infinitivos de (06) e (09) deixará de ser agramatical se passarem a complementos de verbos de percepção como mostrado em (11). Esses dados sugerem que as construções causativas têm algumas propriedades que as distinguem das demais construções com infinitivos.

- (11) a) Elena ha visto Gianni lavorare.
"Elena viu Gianni trabalhar".
- b) Elena ha visto Gianni riparare la macchina.
"Elena viu Gianni consertar o carro".
- c) Elena ha visto Gianni arrivare.
"Elena viu Gianni chegar".

Todas as sentenças causativas examinadas mostram que o sujeito do infinitivo não pode interromper a adjacência entre o verbo causativo e o verbo no infinitivo. Isso significa que esses dois verbos contam como uma unidade, como um único verbo para a sintaxe.

Causativas de verbos transitivos

Posição dos clíticos

Consideremos a sentença em (07) repetida abaixo:

- (12) Elena fa riparare la macchina a Gianni.
Elena faz consertar o carro a Gianni.
"Elena consertou o carro por Gianni".

O objeto direto de *riparare* (consertar) pode ser expresso através de um clítico acusativo que aparece antes do verbo causativo como mostrado em (13):

- (13) Elena la fa riparare EC a Gianni.
Elena a-FEM-SG- faz ACC reparar a Gianni.

Nos contextos em que o clítico é utilizado, a posição correspondente ao DP contém uma categoria vazia (EC). Como o clítico representa um argumento do verbo, ele deve estabelecer algum tipo de relação com a categoria vazia.

Comparemos a posição do clítico em (13) com a posição dos clíticos em contextos de infinitivas não-causativas:

- (14) a) Gianni promise di leggere il libro.
 "Gianni prometeu ler o livro".
 b) Gianni promise di leggerlo.
 "Gianni prometeu lê-lo"-MAS-SG-ACC.
- (15) a) Gianni sembra leggere il libro.
 "Gianni parece ler o livro".
 b) Gianni sembra di leggerlo.
 "Gianni parece ler-lo"-MAS-SG-ACC.

Nestes exemplos, o clítico que se refere ao objeto direto de *leggere* (ler) segue o verbo infinitivo. A colocação do clítico antes do verbo infinitivo é impossível como mostram (16) e (17).

- (16) *Gianni lo promise di leggere.
 Gianni o-MAS-SG- ACC prometeu de ler.
- (17) *Gianni lo sembra leggere.
 Gianni o-MAS-SG- parece ACC ler.

Os dados de (14) a (17) demonstram a distribuição normal dos clíticos. Excepcional, no entanto, é o comportamento deles nas causativas. Nesses contextos, o aparecimento dos clíticos nos verbos finitos não é apenas possível, mas é necessário, já que a colocação dos clíticos em verbos infinitivos é simplesmente inaceitável.

- (18) *Elena fa ripararla a Gianni.
 Elena faz consertá-la FEM-SG-ACC a Gianni.

Geralmente, um clítico está associado ao verbo que determina seu papel temático, seu Caso e sua função gramatical. No entanto, em (13) o clítico *la* (a-FEM-SG-ACC) que originalmente é um argumento do verbo infinitivo *riparare* (consertar) está associado ao verbo causativo *fare* (fazer). Em vista disso, assumiremos que o verbo causativo e o verbo no infinitivo (o complemento infinitivo) formam um verbo complexo cujo núcleo é o verbo causativo. Este verbo complexo herda as propriedades das suas partes

componentes. Assim, uma grade temática é formada unindo os argumentos do verbo causativo e do verbo no infinitivo. As funções gramaticais nas sentenças causativas serão definidas tendo em vista um verbo complexo. E, a posição dos clíticos estará associada ao núcleo desse verbo complexo.

Passivização e movimento de NP

A posição dos clíticos não é a única evidência para demonstrar que o verbo causativo e seu complemento infinitivo formam um verbo complexo. Quando o verbo causativo está na forma passiva, o objeto direto do infinitivo se comporta como objeto direto do verbo causativo: ele se move para a posição de sujeito do verbo causativo.

- (19) La macchina è stata fatta riparata da Gianni.
 O carro foi feito consertar por Gianni.
 "O carro foi consertado por Gianni".

Os verbos na passiva absorvem o Caso acusativo. Assim, o DP que ocupa a posição de objeto na estrutura profunda é forçado a se mover para uma posição onde possa receber Caso. Em (19) vemos que o objeto direto do verbo infinitivo *riparare* se move. Isso ocorre porque (i) o verbo no infinitivo não está apto a atribuir Caso acusativo a seu objeto e (ii) movendo-se para posição de sujeito, em SPEC-IP, o DP objeto terá garantida a valoração de Caso. Se o verbo no infinitivo fosse capaz de atribuir Caso acusativo, a oração em (20) seria gramatical:

- (20) *Elena la è stata fatta riparare da Gianni.
 Elena a-FEM-SG- fez ACC consertar por Gianni.

Em (20) o verbo causativo está na voz passiva e, portanto, não é capaz de valorar Caso acusativo. Se o verbo *riparare* estivesse apto a atribuir Caso, atribuiria Caso acusativo ao objeto direto, que, substituído por um clítico, poderia se associar ao verbo causativo. Contudo, como demonstrado em (20) isso não é possível. A explicação para o

fenômeno é a seguinte: na oração, o complexo *fare riparare* se comporta como um verbo.

O sujeito do infinitivo

Conforme vimos em (12), o sujeito do verbo no infinitivo *riparare* é introduzido pela preposição *a* que usualmente é utilizada para introduzir o objeto indireto de verbos bitransitivos. Além disso, como todo objeto indireto, o DP *a Gianni* pode ser substituído por um clítico dativo que aparecem junto ao verbo causativo.

- (21) Elena gli ha fatto riparare la macchina EC.
Elena a+ele fez consertar o carro.
"Elena o fez consertar o carro".

O verbo complexo *fare riparare* (fazer consertar) possui três argumentos (une os argumentos de fazer e de consertar). É um verbo bitransitivo, que atribui Caso acusativo ao seu objeto direto e Caso dativo ao seu objeto indireto. Nas construções causativas, o sujeito do verbo no infinitivo se comporta como objeto indireto do verbo complexo (*fare riparare*).

Verifica-se assim uma relação peculiar: argumentos do verbo infinitivo também se comportam como se fossem argumentos do verbo causativo. Essa dupla relação explica-se pelo fato de, na verdade, existir apenas um verbo complexo que herda as propriedades e também os argumentos dos verbos que o compõe. Em consequência, todos os processos sintáticos terão como referência esse verbo complexo.

Causativas baseadas em verbos intransitivos

Posição dos Clíticos

A hipótese para explicar as causativas de verbos transitivos é confirmada no que se refere às causativas baseadas em verbos intransitivos:

- (22) Elena fa lavorare Gianni.
"Elena faz trabalhar Gianni".

O sujeito do infinitivo deve aparecer no final da sentença e pode ser representado por um clítico acusativo, assim como normalmente ocorre com os objetos diretos. O clítico deve aparecer junto ao verbo causativo como em (23a). O aparecimento do clítico junto ao verbo infinitivo acarreta severa agramaticalidade, conforme mostra (23b):

- (23) a) Elena lo fa lavorare.
Elena o-MAS-SG- ACC faz trabalhar.
"Elena o faz trabalhar".
b) *Elena fa lavorarlo.
Elena faz trabalhar-lo- MAS-SG-ACC.

Movimento de NP

Observe que em (24) o sujeito de *lavorare*, *Gianni*, comporta-se como se ele fosse o objeto direto. Esse DP se move e se torna o sujeito da oração causativa, em virtude de *fare* estar passivizado.

- (24) Gianni è stato fatto lavorare a lungo.
Gianni foi feito trabalhar por muito tempo.
"Fizeram Gianni trabalhar por muito tempo".

O DP *Gianni* é o sujeito do verbo *lavorare* (trabalhar) recebendo dele um papel temático. Contudo, em análise aos dados, fica claro que a função gramatical e o Caso do DP *Gianni* não dependem do verbo infinitivo. O verbo complexo, *fare lavorare*, que une os argumentos de *fare* e de *lavorare*, possui dois argumentos, e assim como os demais verbos

bitransitivos atribui Caso acusativo ao seu objeto direto. Conclui-se, assim, que nas construções causativas, o sujeito do verbo intransitivo infinitivo se comportará como o objeto direto do verbo complexo.

Causativas baseadas em verbos

inacusativos: posição dos clíticos e movimento de NP

O argumento interno de um verbo inacusativo deve estar posicionado após o verbo no infinitivo.

- (25) Questo treno fa arrivare gli studenti in ritardo.
Este trem faz chegar os estudantes atrasados.

Além disso, podemos substituir *gli studenti* (os estudantes) por um clítico acusativo que vem junto a *fare*, como mostra (26):

- (26) Questo treno li fa arrivare in ritardo.
Este trem os MAS-PL- faz ACC chegar atrasados.
"Este trem os faz chegar atrasados".

O argumento interno do verbo inacusativo se move para a posição de sujeito de *fare* quando este verbo está na voz passiva.

- (27) Gli studenti sono stati fatti arrivare in ritardo.
Os estudantes foram feitos chegar atrasados.
"Fizeram os estudantes chegar atrasados".

Verbos inacusativos não atribuem Caso acusativo. Em (27) o verbo causativo encontra-se na voz passiva, o que por si só impede a valoração de Caso acusativo. O argumento interno do verbo inacusativo *arrivare* recebe Caso nominativo na sentença matriz. O movimento do NP para a posição de sujeito só é possível porque o verbo causativo e o verbo infinitivo formam um verbo complexo.

Resumo

As causativas românicas contêm dois verbos morfologicamente independentes. Com base em diversas evidências foi postulada a hipótese de que estes dois verbos contam como uma única unidade para a sintaxe. Foi sugerido, inclusive, que eles formam

um verbo complexo e que possuem uma grade temática única, formada pelos argumentos de cada um dos verbos. Os argumentos do verbo infinitivo tornam-se argumentos do verbo complexo sendo submetidos a um processo de mudança de função gramatical: o sujeito de um verbo no infinitivo, intransitivo ou transitivo, torna-se, respectivamente, o objeto direto ou indireto do verbo complexo. Além disso, o objeto direto (ou argumento interno, no caso dos verbos inacusativos) do verbo infinitivo torna-se o objeto direto do verbo complexo. Para demonstrar os processos de mudança gramatical recorreremos ao estudo da posição dos clíticos e análise do movimento do NP em construções passivas.

Complementos de causativas como estruturas lexicais vazias

Propõem-se na literatura que as sentenças são projeções do verbo associados a um certo número de projeções funcionais. A diferença entre os complementos infinitivos (verbo no infinitivo), os verbos causativos e outros tipos de complementos infinitivos é que aqueles não projetam por completo as categorias funcionais das sentenças. O quadro em (28) correlaciona as projeções funcionais no domínio da sentença com as evidências de sua presença.

(28) Evidências para as estruturas das sentenças

Projeção	CP	AGR SP	NEG P	TP	AGR OP	VP
Evidência	Wh-question	Sujeito pré-verbal	Negação	Auxiliares	Caso do objeto	Verbo

CP é associado ao movimento-wh. Não existe nenhum movimento-wh interno aos complementos causativos, o que mostra que o nível funcional CP não está disponível. AGRSP é associado à posição pré-verbal canônica. Esta posição não está disponível para os complementos causativos, o que sugere que a projeção funcional AGRSP também não se encontra disponível.

- (29) *Elena fa Gianni lavorare.
Elena faz Gianni trabalhar.

Complementos de verbos causativos não podem apresentar a marca de negativo *non* ou outros advérbios negativos (mai - 'nunca'). *Non* é o núcleo de NegP. Estes dados sugerem que NegP também não está disponível.

- (30) Cìò fa non leggere mai molti fumetti a Gianni.
 Isso faz NEG ler nunca muitos quadrinhos a Gianni.

Os complementos causativos não podem conter um auxiliar aspectual. A interpretação dos auxiliares está relacionada a tempo, uma vez que são licenciados por T°. A inexistência de auxiliares aspectuais sugere que TP não é projetado em complementos causativos.

- (31) a) *Marco farà aver letto il libro a Gianni per domani.
 Marco fará ter lido o livro a Gianni amanhã.
 b) *Il treno farà essere arrivato Marco in ritardo.
 O trem fará ser chegado Marco atrasado.

Finalmente, AGROP é a projeção associada com Caso estrutural. O infinitivo em complementos causativos não pode atribuir Caso acusativo, como vimos pela distribuição dos clíticos e pelos dados na passiva. Isso sugere que AGROP também está ausente nos complementos causativos.

Conclui-se, portanto, que os complementos causativos não contêm projeções funcionais, em contraste com outros complementos infinitivos. Uma explicação plausível para este fato é que os complementos causativos são VPs. Evidência a favor disso é a modificação por advérbios.

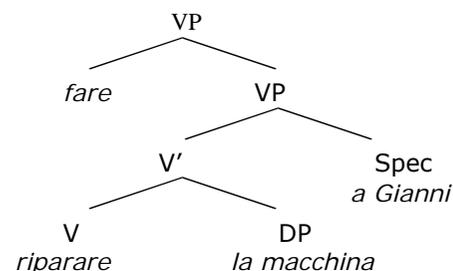
- (32) Adele ha fatto cuocere il maiale con un limone in bocca.
 Adele fez cozinhar o leitão com um limão na boca.
 Adele cozinhou o leitão com um limão na boca.
 Adele tinha um limão na boca quando cozinhou o leitão.

Este exemplo é ambíguo. O advérbio *con un limone in bocca* pode se referir ao modo como Adele causou o evento do cozimento: ela estava segurando um limão na boca; ou ao modo como o leitão foi cozido: ele tinha um limão na boca. Considerando que advérbios são adjungidos à projeção que eles modificam, a ambiguidade em (32) pode ser esclarecida.

Quando *con un limone in bocca* modifica o modo como Adele causa o evento cozinhar, ele está adjungido ao VP cujo núcleo é *fare*. Quando, todavia, modifica o modo como o porco é cozido, ele está adjungido ao VP cujo núcleo é *cuocere*. A ambiguidade em (32) reflete diferentes posições de adjunção do advérbio. Este fato evidencia que a sentença causativa se refere a dois eventos: uma causação e um evento causado. Cada um dos eventos é expresso por um VP e os advérbios podem se adjungir a qualquer um deles.

O complemento causativo é um VP cujo núcleo é um verbo no infinitivo. Dentro do VP estão todos os argumentos associados ao verbo, inclusive o sujeito que nas línguas românicas encontra-se à direita do núcleo. Em vista disso, podemos afirmar que nos complementos causativos, o sujeito aparece em sua posição de base, qual seja, a direita do núcleo verbal:

(33)



Os complementos causativos têm a estrutura tal como ilustrado acima. O sujeito de um verbo transitivo ou intransitivo permanece em sua posição de base. O argumento interno de um verbo transitivo ou verbo inacusativo ocupa a posição de irmão de V°.

Formação de predicados complexos

Da re-análise à incorporação

A noção de causatividade já foi abordada de várias formas na literatura. Por exemplo, Manzini (1983), Rouveret e Vergnaud (1980) utilizaram a noção de re-análise.

Re-análise é um processo através do qual dois verbos independentes são re-analisados como um único verbo que possui as propriedades de seus membros. Podemos expressar o processo de re-análise através da indexação, como em (34):

- (34) Elena fa, riparare, la macchina a Gianni.
 “Elena faz reparar o carro a Gianni”.

Apesar da noção de re-análise permitir descrever o padrão causativo em italiano, ela não tem grande força explanatória.

Estudos detalhados de causativas morfológicas (BAKER, 1988) mostraram que a noção de re-análise retoma a noção de incorporação, a qual faz referência ao movimento de núcleo para núcleo. Dessa forma, a re-análise não é uma construção específica, mas uma instanciação de movimento. Considerando os dados em (34), vemos que a re-análise estabelece uma conexão entre dois núcleos. Podemos expressar essa conexão em termos de incorporação: o núcleo mais baixo, *riparare*, move-se para o núcleo mais alto, o verbo causativo *fare*.

Causativas morfológicas

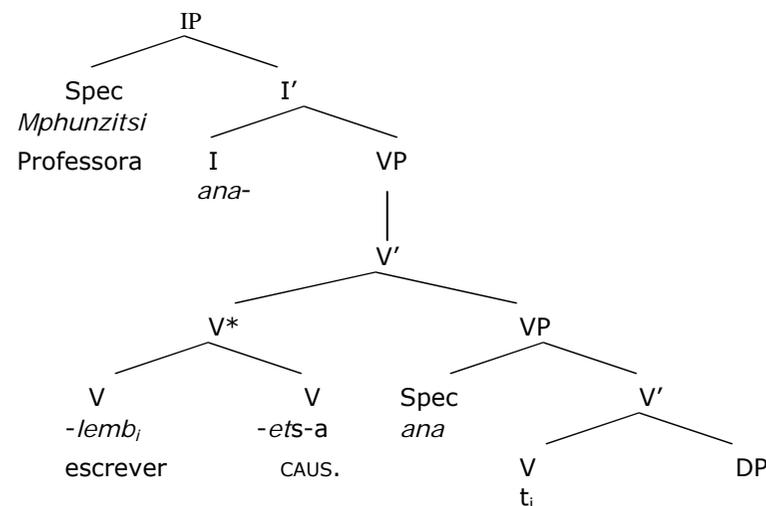
Os dados do chichewa apresentados na seção 1 são exemplos de causativas morfológicas. Nesse tipo de causativas, um afixo expressando causação e uma raiz verbal são colocados juntos para formar uma única palavra, como mostra o exemplo em (35):

- (35) Mphunzitsi a-na-*lemb-ets-a* ana.
 Professora AGR-PAST-escrever-fazer-ASP criança.
 “A professora fez a criança escrever”.

Baker propõe que o afixo causativo *-ets* na estrutura profunda, e a raiz verbal *lemb* (escrever) são núcleos de duas projeções verbais distintas.

Na estrutura superficial o núcleo verbal *lemb* é alçado e se incorpora ao afixo causativo para formar um verbo complexo. Este movimento é uma instância do movimento de núcleo a núcleo. O verbo complexo move-se posteriormente para ser afixado aos morfemas de tempo e concordância.

(36)



A proposta de Baker, segundo a qual o afixo causativo e a raiz verbal são núcleos de diferentes projeções verbais, é baseada na Hipótese de Atribuição Uniforme de Papéis Temáticos (Uniformity of Theta Assignment Hypothesis - UTAH).

- (37) Uniformity of Theta Assignment Hypothesis: relações temáticas idênticas entre itens são representadas por idênticas relações estruturais entre os mesmos itens, na estrutura profunda (D-structure).

Vejamos as implicações da UTAH. Em análise às sentenças abaixo, verificamos que em (38), o afixo causativo *-ets* está amalgamado à raiz verbal *-gw*. Em (39), o mesmo afixo está amalgamado a um verbo *dummy*, *chit* (fazer), recebendo um complemento finito introduzido pelo complementizador.

O exemplo (39) é uma paráfrase de (38) e *mtsuko* (o pote de água) é um argumento de *gw-* (cair) em ambas as sentenças, ou seja, estabelece a mesma relação temática com *gw-* em (38) e em (39).

- (38) Mtsikana a- na- u- gw- ets- a mtsuko.
 A menina AGRS- PAST- AGR- cair- CAUS- ASP pote de água.
 “A menina fez o pote cair”.

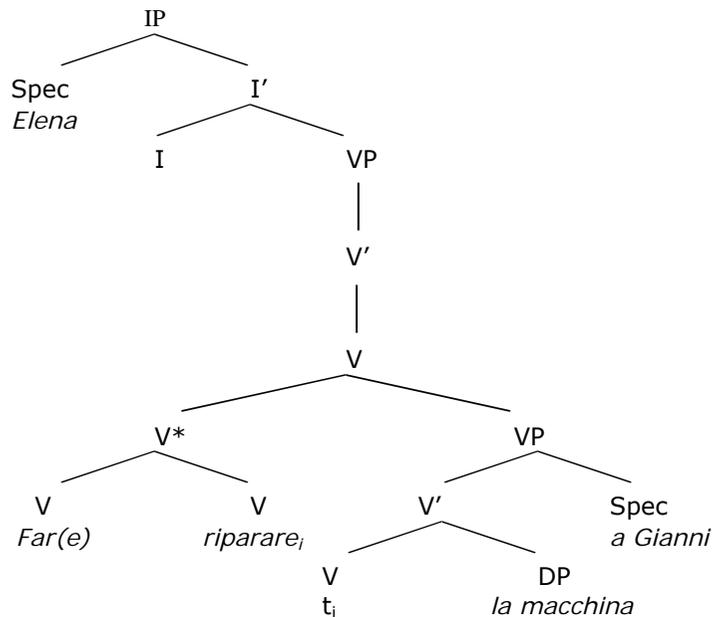
- (39) Mtsikana a- na- chit-its a kuti mtsuko u-gw-e.
 A menina AGRS- PAST- fazer-ASP que pote de água AGR-cair-CAUS-ASP.
 "A menina fez o pote de água cair".

De acordo com UTAH, na estrutura profunda as relações devem ser as mesmas. Se em (39) *gw-* é núcleo de um VP que inclui o argumento *mtsuko*, o mesmo deve acontecer em (38) em que *gw-* é o núcleo VP no complemento causativo.

Causativas Românicas

Propusemos que o processo de incorporação – movimento de núcleo – aplica-se também às causativas românicas. Na estrutura profunda, o verbo infinitivo e o verbo causativo são núcleos de duas projeções verbais. Na estrutura superficial, o verbo infinitivo se move para se incorporar ao verbo causativo, formando um verbo complexo, como demonstra a configuração a seguir:

(40)



A assunção de que o verbo infinitivo não fica em sua posição de base, mas se move para uma posição mais alta é corroborada pela a ordem das palavras. Consideremos o exemplo (41):

- (41) I professori_j facevano commentare tutti_j quel libro a Ugo.
 Os professores fizeram comentar todo o livro a Ugo.
 "Os professores fizeram Ugo comentar todo o livro".

Sportiche (1988) propôs que os quantificadores flutuantes (Floating Quantifiers – FQs) ocorreram nas posições correspondentes ao movimento do sujeito desde sua posição de base (dentro do VP) até a posição de Spec da projeção mais alta.

A ordem da oração (41) causativo-infinitivo-FQ nos permite concluir que o verbo no infinitivo se moveu do complemento causativo para dentro da sentença matriz, como mostrado em (42). Isso evidencia a hipótese de que a incorporação do infinitivo pelo verbo causativo se dá no nível da estrutura superficial.

- (42) [_{IP} I professori_j facevano commentare [_{VP}tutti_j [tiquel libro a Ugo]]]



"Os professores fizeram Ugo comentar todo o livro".

As causativas românicas, assim como as causativas morfológicas no chichewa, são o resultado de movimentos de núcleo a núcleo. Assim sendo, tendo em vista o que prediz a teoria de Princípios e Parâmetros, não existe uma regra especial para a formação das causativas. Sentenças causativas são derivadas por uma propriedade primitiva operante em diversas construções.

Problemas potenciais e refinamentos posteriores

À primeira vista, nossa análise pode parecer inadequada. A pergunta que surge é: por qual motivo nas causativas românicas, ao contrário do chichewa, a incorporação não cria uma única palavra?

Notem que em romance apenas o verbo causativo recebe marca de tempo e concordância. Isso significa que apenas os verbos causativos são alçados para INFL na oração principal para receber os morfemas correspondentes. Além disso, o verbo causativo e o verbo intransitivo podem ser separados por elementos adverbiais, como mostrado em (43):

- (43) I professori_i non fanno più commentare (tutti_i) quel libro a Ugo.
 Os professores NEG fazem mais comentar todos aquele livro a Ugo.
 "Todos professores não fazem mais Ugo comentar aquele livro".

Sabemos que a incorporação é um movimento de núcleo a núcleo nas causativas românicas. No entanto, estabelecemos que o verbo causativo e o verbo infinitivo devem estar separados. Para acomodar todas essas questões, temos que apelar para a noção de excorporação, outra instância de movimento de núcleos. Admitimos que nas causativas românicas, diferentemente das causativas em chichewa, o verbo causativo é excorporado do verbo complexo, previamente formado, movendo-se sozinho para INFL. Em outras palavras, as causativas românicas são o resultado de dois processos de movimento de núcleo: incorporação e excorporação.

Tipos de movimento de núcleo e excorporação

Palavras, afixos e raízes

Podemos nos perguntar por que a excorporação é permitida nas causativas românicas e não nas causativas do chichewa. Na verdade, as causativas românicas e as causativas em chichewa se diferem quanto ao status da incorporação: nas causativas românicas o incorporado – o verbo no infinitivo – é uma palavra bem formada, enquanto nas línguas como o chichewa, o incorporado é uma raiz verbal. É plausível, portanto, admitir que esta diferença seja responsável pelo formato das causativas nas duas línguas.

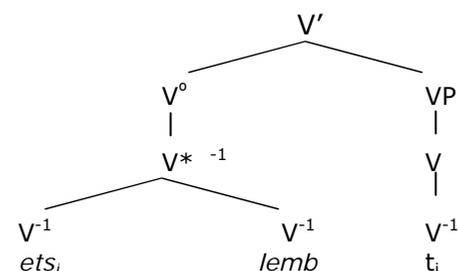
Suponhamos que palavras sejam X^0 , enquanto afixos e raízes (ou seja, pedaços de palavras) sejam elementos X^{-1} .

Quando combinamos pedaços de palavras, obtemos uma palavra bem formada, ou seja, X^0 . Núcleos projetam núcleos negativos, ou seja, Xs^{-1} . Por exemplo, V^0 , projeta um V^{-1} , que abriga afixos e raízes. I^0 projeta um I^{-1} preenchido por afixos de flexão.

O movimento de núcleo pode ser tanto um movimento de X^{-1} quanto um movimento de X^0 . Um elemento X^{-1} move-se para se juntar a afixos e se tornar uma palavra bem formada, ou seja, um X^0 . No entanto, quando a palavra já existe, é X^0 que se move, sendo que os elementos (pedaços de palavras) que formam esse X^0 não são visíveis ao movimento.

Vejamos como esse raciocínio nos ajuda a explicar a diferença entre causativas analíticas e morfológicas. Em chichewa a raiz verbal e o afixo causativo são ambos V^{-1} :

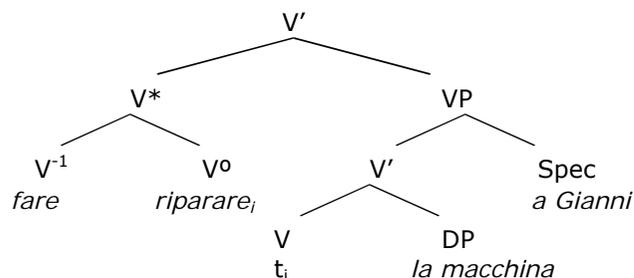
- (44)



A incorporação é o movimento de um núcleo V^{-1} que se junta a outro núcleo V^{-1} , formando um novo núcleo $V*^{-1}$, que é posteriormente alçado e associado aos morfemas de flexão, tornando-se uma palavra bem formada da categoria X^0 .

A situação é diferente quando se trata de causativas românicas. Nesse caso, o incorporado é um V^0 , que já é uma palavra bem formada, e o incorporador, por sua vez, é uma raiz do tipo V^{-1} . Após a incorporação de V^0 por V^{-1} , a estrutura das causativas românicas pode ser assim representada:

(45)



Excorporação

A raiz verbal das causativas românicas se excorpara e se move para associar-se a uma terminação flexional. A excorporação não é possível nas causativas em chichewa.

Identificação de categorias vazias

Conforme postula a Gramática Universal, as categorias vazias não são aleatoriamente geradas, além disso, a categoria vazia gerada em virtude de movimentos deve se conectar ao seu antecedente. Essa conexão é que garante sua interpretação. O tipo de conexão que interessa para nossa análise é a *antecedent-government* (antecedente-regente).

Rizzi (1990) propõe que *antecedent-government* está submetida a condições de localidade restrita: alguns tipos de relações de regência- β entre X e Y são bloqueados por uma barreira interveniente e por um regente em potencial. Em uma configuração como (46) X é incapaz de reger seu vestígio, t_i , se Z é um potencial antecedente regente para t_i .

(46) X[Z t_i]

Um regente em potencial dever ser do mesmo tipo do regente real para contar como um interveniente.

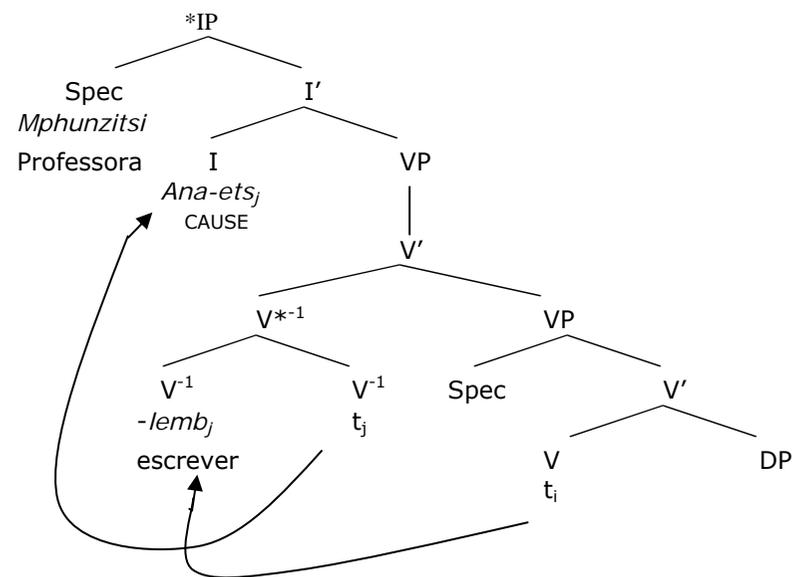
(47) Minimalidade relativizada (Rizzi).

- (i) X β -rege Y, se e somente não existir Z, de forma que:
 - (ii) Z é um potencial regente para Y.
 - (iii) Z c-comande Y, mas não c-comande X.
- $\beta = \{A-, A^{-1}, X^0, X^{-1}\}$

Excorporação e a identificação de categorias vazias.

Veremos agora como a proposição acima desenvolvida ajuda a entender a diferença entre as causativas do chichewa e as causativas românicas. No chichewa a incorporação é um movimento de V^{-1} para V^{-1} . O V^{-1} cujo núcleo é um afixo causativo não pode ser excorporado do verbo complexo que é formado e se mover sozinho para INFL. Isso ocorre porque entre V^{-1} e seu vestígio, intervém o outro V^{-1} cujo núcleo é a raiz verbal. Vejamos:

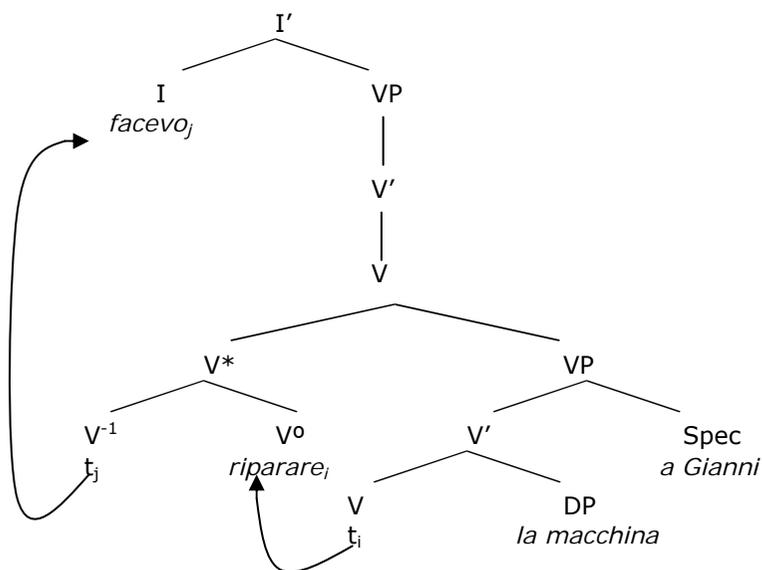
(48)



Quando o incorporador é um V^{-1} , não podemos aplicar o processo de excorporação, uma vez não é possível estabelecer a conexão com o vestígio.

Por outro lado, nas causativas românicas, a incorporação se dá entre um V^0 e um V^{-1} . É possível, portanto, que o V^{-1} cujo núcleo é a raiz causativa se excorpore do verbo complexo. Nesse caso, o interveniente é um V^0 , que não se enquadra como um tipo apropriado de um potencial regente. Vejamos:

(49)



Em análise à derivação acima, verifica-se que o incorporado é um V^0 ; a excorporação de V^{-1} cujo núcleo é a raiz causativa é possível, porque não existe um tipo apropriado de um potencial interveniente para barrar a conexão entre o vestígio e seu antecedente.

Mais uma vez podemos perceber que a causativização não exige regras especiais. Se o processo de excorporação pode ou não ocorrer depende apenas de algumas restrições como a exigência de que as categorias vazias, para serem interpretadas, estejam ligadas a seus antecedentes.

Incorporação e regência

Em consequência do processo de incorporação, nas construções causativas, as relações usuais de regência são interrompidas e uma nova relação de regência é estabelecida. O incorporador e o incorporado formam um verbo complexo que rege os argumentos que eram originalmente regidos por seus membros. Isso explica porque o argumento do verbo encaixado nas

causativas passa a se comportar como argumento do verbo complexo, submetendo-se a um processo de mudança de sua função gramatical. Após a incorporação, como resultado da mudança das relações de regência, o verbo complexo formado fica responsável pela atribuição de Caso aos argumentos do verbo incorporado.

- (50) a) Elena fa lavorare Gianni.
Elena faz trabalhar Gianni.
- b) Elena lo fa lavorare.
Elena o faz trabalhar.
- c) Gianni è stato fatto lavorare a lungo.
Gianni foi feito trabalhar por muito tempo.

Em (50) *Gianni* é o argumento de *lavorare* na estrutura profunda. No entanto, em virtude do processo de incorporação *Gianni* é agora regido pelo verbo complexo criado e dele é objeto direto. É este verbo complexo que atribui Caso a *Gianni* que era anteriormente sujeito de *lavorare*. A oração (50b) demonstra, ainda, que o sujeito de *lavorare*, quando cliticizado, se junta ao verbo que lhe atribui Caso. Finalmente, em (50c) verificamos que quando o verbo causativo *fare* é passivizado, todo o verbo complexo perde a capacidade de atribuir Caso acusativo a *Gianni*, que se torna o sujeito do verbo complexo *fatto lavorare*.

Conclusão

As causativas românicas possuem características peculiares. Conforme analisamos, elas contêm dois verbos morfologicamente independentes. No entanto, sob o ponto de vista sintático, parecem formadas por um único verbo, um verbo simples. Neste aspecto parece haver uma similaridade entre as causativas românicas e as causativas morfológicas do chichewa. Assim como as causativas morfológicas, as causativas românicas são derivadas por um processo de incorporação, ou seja, de movimento núcleo a núcleo. Assumimos que a incorporação está sujeita a variações paramétricas: podem ocorrer no nível sub-

lexical ou no nível lexical. Essa parametrização é a propriedade que nos permite traçar uma distinção ente as causativas românicas e as morfológicas. Dependendo da escolha paramétrica, a excorporação será permitida ou não. Finalmente, seguindo as intuições de Baker, mostramos que todas as propriedades das causativas românicas são efeitos colaterais do processo de incorporação.

Referências

- BAKER, Mark. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- GUASTI, Maria Teresa. Romance causatives. In: HEAGEMAN, Liliane. (Org.). *The new Comparative Syntax*. London: Longman, p. 124-144, 1997.
- MANZINI, Maria Rita. *Restructuring and reanalysis*. 1983. PhD dissertation - Institute of Technology, Cambridge, 1983.
- RIZZI, Luigi. *Relativized Minimality*. Cambridge. MA. MIT Press, 1990.
- ROUVERET, Alain; VERGNAUD, Jean-Roger. Specifying reference to the subject: French causatives and conditions on representations. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 11, p. 97-202, 1980.
- SPORTICHE, Dominique. A Theory of Floating Quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure, *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 19.3, 1988.

Sobre as construções com objeto duplo

Marisa Mendonça Carneiro¹

Introdução

As estruturas dativas e com objeto duplo há muito têm sido Tema de debate, especialmente no que se refere à sua configuração sintática. Várias propostas de análise destas construções estão presentes na literatura, levando em conta tanto a estrutura sintática quanto a semântica lexical dos itens que fazem parte da sentença. Dentro da perspectiva sintática, as estruturas dativa (dorante PO, do inglês *prepositional object*) e com objeto duplo (doravante DO, do inglês *double object*), ilustradas em (01), estão relacionadas de maneira derivacional, isto é, uma estrutura seria básica e a outra derivada². Autores como Larson e Baker (1988, citados por BLEAM, 2003), seguem esta proposta. Por outro lado, a análise semântica sugere que as estruturas PO e DO não estão relacionadas derivacionalmente, mas possuem estruturas sintáticas distintas e estão sujeitas a restrições de escopo semântico, impostas pelos itens que as compõem. De acordo com Bleam (2003), a rejeição à proposta derivacional é em parte baseada no argumento de que as duas construções não possuem o mesmo significado³.

- (01) a) Mary wrote a letter to Bill. (estrutura PO)
b) Mary wrote Bill a letter. (estrutura DO)

O presente artigo faz uma revisão sobre a alternância dativa na língua inglesa, mostrando as duas possibilidades de análise. A primeira parte apresenta a análise sintática,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da FALE/UFMG. e-mail: marisamc@ufmg.br.

² Baker (1996) mostra diferenças translinguísticas em relação à determinação das formas básica e derivada. Bleam (2003) analisa a alternância dativa em espanhol, mostrando que a estrutura DO apresenta redobro de clítico:

Carmen envió el libro a su profesor. / Carmen le envió el libro a su profesor.

Bleam considera que esta estrutura, denominada objeto indireto duplo (IODC - *indirect object doubling construction*) é igual à estrutura DO em inglês.

³ Baker (1996) se opõe a este argumento.

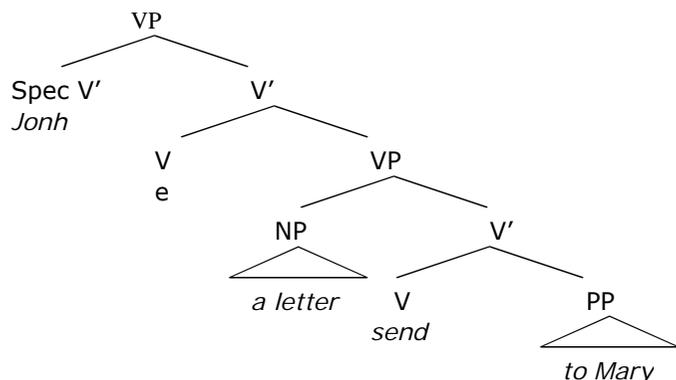
incluindo as propostas de Larson (1988), Pesetsky (1995, citado em HARLEY, 2002) e Harley (2002). A segunda parte analisa a atribuição de papéis temáticos nas construções DO à luz da hipótese de uniformidade de papéis temáticos e a terceira parte discute a abordagem que leva em conta a semântica dos itens da estrutura DO. A quarta e última parte apresenta as considerações finais.

Estrutura sintática das construções com duplo objeto

Segundo Harley (2002), o *locus classicus* para a abordagem sintática da alternância com DO em inglês é o texto de Larson (1988). A proposta de Larson, que parte das assimetrias presentes nas estruturas DO, sugere que há uma hierarquia sintática no VP onde duas conchas VPs estariam envolvidas. Para o autor, a construção PO teria um VP com um V nulo; o seu complemento seria um VP, que por sua vez teria como especificador um NP objeto direto, um núcleo verbal e um complemento PP, como exemplificado pela estrutura (2a) abaixo:

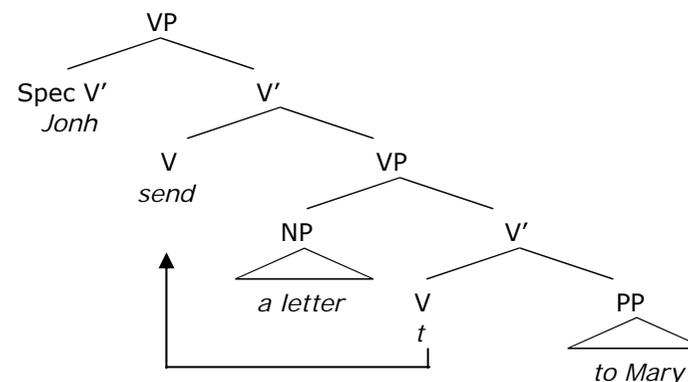
(02) a) John sent a letter to Mary.

A forma de superfície pressupõe um movimento núcleo a



núcleo do verbo para a posição V vazia, deixando um traço no local de origem e criando uma coindexação entre as posições de núcleo de V:

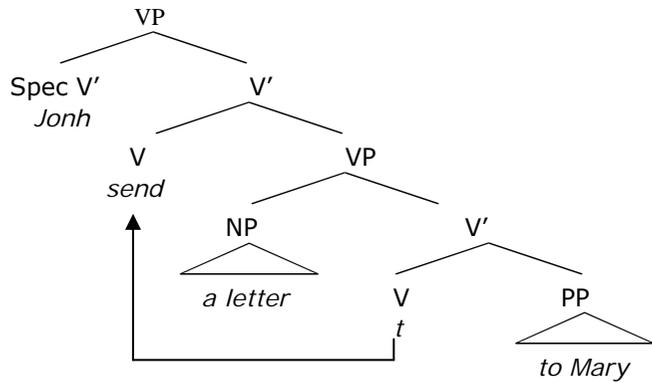
(02) b)



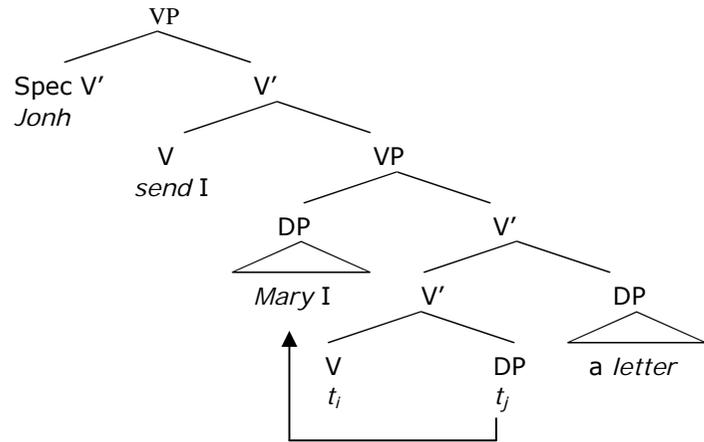
O alçamento do verbo tem como consequência a preservação do fato de que o objeto direto irá c-comandar o objeto oblíquo, independentemente da estrutura introduzida pelo PP, conforme sugerido por Chomsky (1955; 1975, citado por LARSON, 1988).

Em relação às construções DO, a sugestão de Larson é a de que esta estrutura pode ser explicada seguindo uma abordagem derivacional. De acordo com a proposta de Larson, o Tema seria gerado como especificador do VP mais baixo e o Alvo como complemento de VP. A alternância dativa seria então o resultado da aplicação de uma operação, semelhante à formação de passivas, à este VP mais baixo, havendo o movimento do Alvo para a posição de especificador e gerando o Tema em uma posição de adjunto, à semelhança do sintagma com *by* das passivas do inglês. Dessa forma, a estrutura PO seria básica e a DO derivada (3b) por uma operação sintática, como visto em (2b), aqui repetido como (3a) (LARSON, 1988):

(03) a) John sent a letter to Mary.



b) John sent Mary a letter.

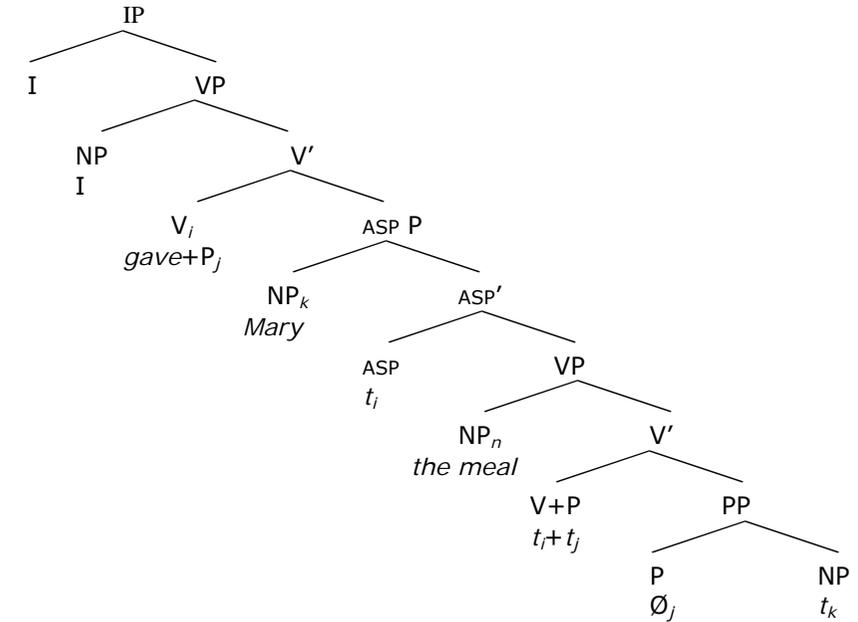


Baker (1996) explica a alternância dativa tendo como base a proposta de Larson, chamando a absorção de Caso dativo de Larson⁴ de 'incorporação de preposição'. Isto quer dizer que quando a preposição é incorporada (preposição *to* em inglês), ela deixa de designar Caso ao seu objeto. Como resultado, o Alvo deve se mover para uma posição fora do VP mais interno, para receber Caso estrutural acusativo. Para

⁴ A absorção de Caso dativo é discutida na seção que discute UTAH e DO.

Baker, esta posição seria o especificador de um ASPP. Assim, com este movimento o Alvo fica em uma posição mais acima do Tema, c-comandando-o assimetricamente, enquanto que o Tema permanece *in situ*, como vemos em (04):

(04) I gave Mary the meal.

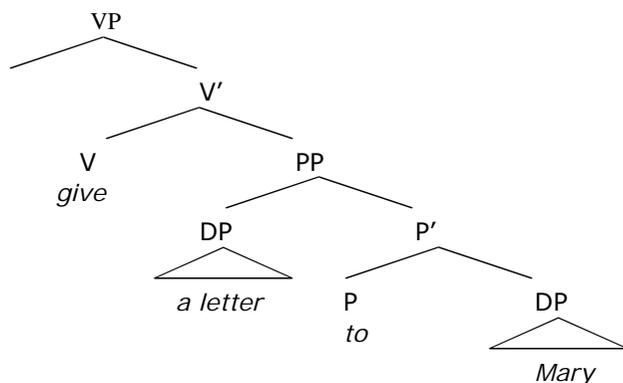


O objeto da preposição incorporada é licenciado da mesma forma que o objeto direto seria licenciado. Este objeto recebe Caso que seria atribuído ao objeto direto, enquanto que o próprio objeto direto se torna um oblíquo por não ser mais licenciado pelo verbo. Além disso, Baker sugere que o aplicativo só está presente em verbos transitivos. Os intransitivos, por não terem Caso para atribuir, não licenciariam aplicativos, pois o objeto aplicado ficaria sem Caso (JEONG, 2006, p. 17).

Pesetsky (1995, citado em HARLEY, 2002) sugere uma modificação importante para a análise. Apesar de preservar a estrutura hierárquica para dar conta das assimetrias, Pesetsky rejeita a ideia de que a estrutura DO é resultado de uma

transformação da estrutura PO⁵. Ao rejeitar a ideia de transformação, o autor propõe que o complemento de V projetado pelo verbo é um sintagma preposicional. Na estrutura PO, o PP tem como núcleo a preposição *to*, o Tema em posição de especificador e o Alvo como seu complemento (5a), enquanto que na estrutura DO, o PP tem como núcleo uma preposição G, onde o Tema figura na posição de complemento e o Alvo na posição de especificador (5b). A preposição G seria então alçada por meio do movimento de núcleo, afixando-se ao verbo em V. De modo geral, estas duas estruturas seriam distintas no que se refere aos complementos preposicionais do verbo. Larson chamou esta proposta de "projeção alternativa" (1990, citado em HARLEY, 2002, p. 3)⁶.

(05) a) give a letter to Mary.



⁵ Pesetsky se refere às estruturas PO como estruturas de complemento duplo (*double complement structure*).

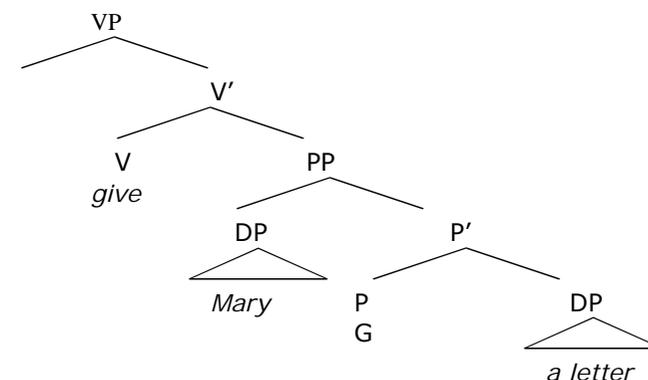
⁶ Bleam (2003) adota a abordagem de projeção alternada, que veremos a seguir, e refuta a relação derivacional entre PÓs e DOs sugerida por Larson. Dentre seus argumentos, a autora destaca as propriedades semânticas associadas às duas construções. Por exemplo, o argumento Alvo deve ser interpretado como um possuidor do referente do objeto direto. Isto quer dizer que quando o Alvo é um nome de lugar, não pode haver alternância:

Mary sent a letter to Rio.

**Mary sent Rio a letter.*

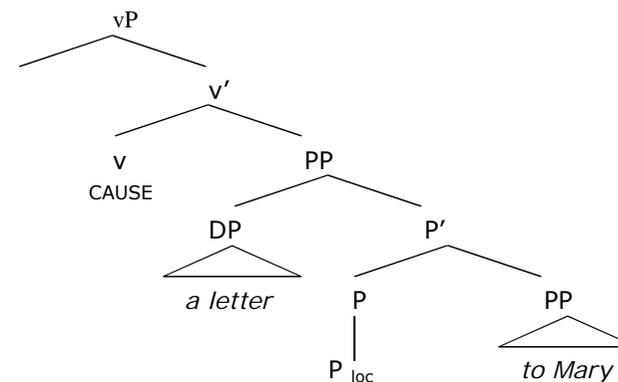
Esta mesma restrição pode ser vista nos exemplos *Mary taught English to the students* e *Mary taught the students English*, onde os significados são diferentes. A construção DO significa que o Alvo possui o Tema, isto é, os alunos possuem o conhecimento da língua inglesa, ao passo que o mesmo não pode ser dito da estrutura PO. As restrições semânticas serão discutidas mais adiante.

b) give Mary a letter.

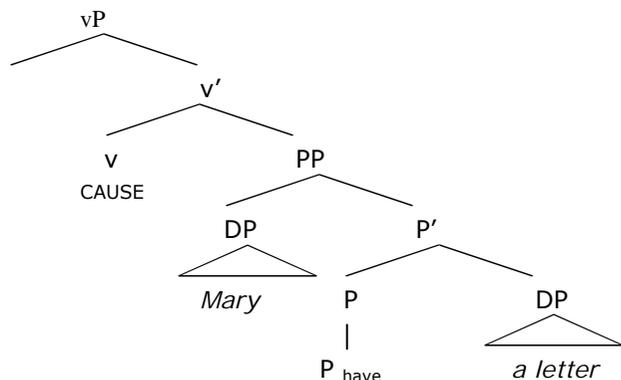


Partindo da proposta de Pesetsky, Harley sugere que a preposição nula G codificaria posse, chamando esta preposição de P_{have} . Além disso, a autora também propõe a existência de uma preposição locativa, denominada P_{loc} , e não *to*, que seria núcleo de PP na construção PO. A proposta de Harley (2002, p. 4) pode ser visualizada em (06):

(06) a) estrutura PO – CAUSE + GO TO.



b) estrutura DO – CAUSE + HAVE



A proposta de Harley, que prevê que as construções DO e PO possuem representações básicas distintas, sugere que verbos de transferência, como *give*, *send* e *throw* têm duas decomposições lexicais, como visto em (6a) e (6b). Em ambas estruturas, o verbo é percebido como dois núcleos separados: o componente CAUSE, núcleo de v e o componente HAVE ou GO, núcleo de um PP, complemento de v. A incorporação de P à V_{cause} é pronunciada como um verbo de transferência, como *give*, *send*, etc, assumindo a inserção posterior de material fonológico, seguindo a Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993, citado em Bleam, 2003).

Conseqüentemente, a estrutura em (6b), que dará origem a uma construção DO, tem o significado de 'fazer ter' e a estrutura em (6a), que dará origem a uma construção PO, tem o significado de 'fazer ir para'. Assim temos duas estruturas profundas distintas para a alternância dativa, onde os argumentos Tema e Alvo são realizados em diferentes posições.

A ideia de Harley representa uma contribuição da semântica lexical para a compreensão da sintaxe das construções DO, e se propõe a explicar alguns fatos intrigantes, como a estrutura hierárquica desse tipo de construção.

Papéis temáticos – UTAH

Para Larson (1988), a relação derivacional é necessária quando se busca estabelecer uma relação entre estrutura e a atribuição do papel temático. A hipótese de Baker, conhecida como UTAH⁷, é conceitualmente atraente, pois restringe consideravelmente a classe de possíveis estruturas profundas iniciais para um dado conjunto de papéis temáticos.

Chomsky (1995, p. 61) sugere que existe uma uniformidade na representação estrutural de papéis temáticos, onde o papel de Agente é associado à posição Spec VP, Tema ou Paciente associado à posição comp de V, etc. Além disso, todos os papéis temáticos internos (com exceção do papel de sujeito) são atribuídos a irmãos dos núcleos.

Esta proposta foi questionada por Kayne (1984, apud CHOMSKY, 1995). Se toda ramificação é binária, alguns papéis temáticos serão atribuídos a nós não-irmãos. Este parece ser o caso dos verbos que permitem duplo objeto, onde Caso será atribuído a NPs complementos:

(07) Give [Mary books].

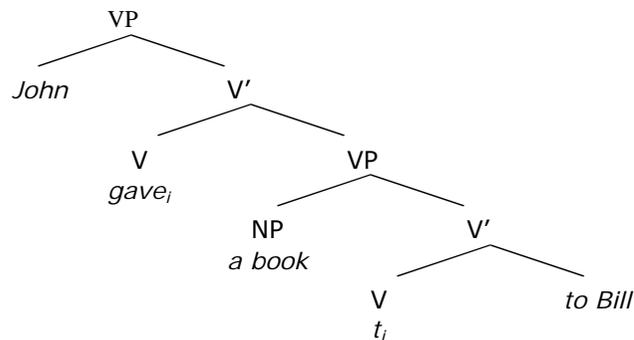
Na proposta de Larson (1988, citado por CHOMSKY, 1995), os verbos com duplo objeto (DO) entram na estrutura profunda na seguinte forma (2b) repetido aqui como (08):

⁷ The Uniformity of Theta Assignment Hypothesis (UTAH):

Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships between those items at the level of D-structure (Baker, 1988a, p. 46, citado por Baker, 1996).

Uniformidade de Atribuição de Papéis Temáticos: relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre os itens no nível de estrutura profunda.

(08) John gave a book to Bill.

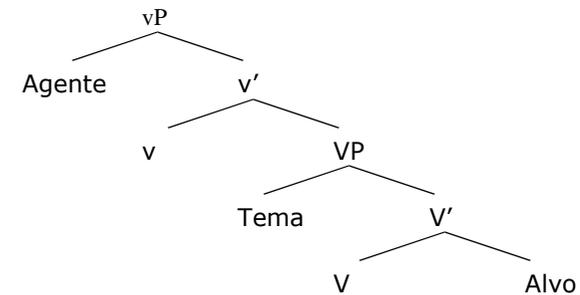


V sobe para a posição de verbo da concha VP mais acima na estrutura, resultando na estrutura *John gave a book to Bill*. De maneira análoga à operação que forma passivas, o Caso de Bill seria 'absorvido', e Bill seria então forçado a subir para a posição anteriormente ocupada por *a book*. Em (09), o objeto direto *a book*, que recebe o papel temático Tema atribuído pelo verbo, não é irmão do nó que contém o verbo (CHOMSKY, 1995). Neste caso teríamos atribuição de papel temático a um NP que não é irmão do núcleo atribuidor de papel temático, contrariando a ideia de que há uma uniformidade estrutural na atribuição de papéis temáticos.

A análise de Larson contempla uma versão relativizada da UTAH para a transformação sintática que ocorre entre PO e DO como propõe Baker (1988, citado por HARLEY, 2002). A UTAH prevê que relações temáticas idênticas são mapeadas em posições sintáticas idênticas nas estruturas, podendo ser visualizada da seguinte maneira:

UTAH – Hipótese de Uniformidade de Desígnio de Papéis Temáticos (ADGER, 2003, p. 139):

(9)



Uma vez que os papéis temáticos nas estruturas DO e PO são os mesmos, então, de acordo com Larson, uma estrutura deve ser básica e estar em conformidade com a UTAH e a outra, sendo derivada desta outra mais básica, está também em conformidade com a UTAH, sendo posteriormente transformada via movimento dos argumentos e passando a não obedecer a UTAH⁸ ⁹. Em 1990, Larson propõe uma versão relativizada de UTAH:

(10) UTAH relativizada: relações temáticas idênticas são representadas por relações hierárquicas idênticas relativas entre itens na estrutura profunda.

A hierarquia temática adotada por Larson, onde AGENTE >TEMA>ALVO>OBLÍQUO, implica em c-comando do argumento 2 pelo argumento 1 na estrutura profunda se o papel temático do argumento 1 é superior hierarquicamente ao papel temático do argumento 2. Nos exemplos (3a) e (3b), o Tema c-comanda o Alvo em ambos os casos na estrutura profunda, o que não quer dizer que Temas serão sempre projetados na mesma posição. Em (3a), o Tema é o especificador do VP mais baixo, enquanto que em (3b) é um adjunto. Entretanto,

⁸ McGinnis (2005) mostra, ao analisar diferenças translinguísticas nas construções DO e relações de localidade, que outros movimentos do objeto direto (para a posição de sujeito, por exemplo) são possíveis. A sugestão é a de que UTAH é uma propriedade de *Merge* externo, que estabeleceria relações temáticas entre os argumentos. Esta proposta é criticada na tese de Jeong (2006).

⁹ Para uma discussão a respeito da controvérsia sobre hierarquia temática em construções DO, ver Levin (2005).

as posições sintáticas relativas dos argumentos estão consistentes com a hierarquia temática em ambos os casos, satisfazendo a UTAH relativizada de Larson. No final da derivação da estrutura DO, o Alvo terá se movido para uma posição na estrutura de superfície onde ele c-comanda o Tema¹⁰ (HARLEY, 2002).

Abordagem semântica

Mais recentemente, Beck e Johnson (2004) sugerem que não há transformação sintática envolvida na alternância dativa, mas sim uma relação entre a semântica lexical dos predicados verbais e a estrutura sintática. Na proposta que vê a alternância dativa como resultado de transformação, onde a forma DO é derivada da forma PO, as diferentes manifestações de superfície são consideradas como tendo uma mesma estrutura subjacente. No entanto, existem evidências de que as duas formas possuem formas subjacentes distintas, não estando relacionadas por meio de transformação. Baseado na argumentação de Kayne e na generalização de Ross (1984 e 1974 citados por BECK e

¹⁰ Uma das propriedades estruturais das construções DO em inglês está na relação de c-comando assimétrico entre o Alvo e o Tema. Assim, o primeiro DP Alvo/ Beneficiário c-comanda assimetricamente o segundo DP (Tema). Esta relação pode ser vista em construções anafóricas, com *quantifier-pronoun binding*, *weak crossover*, construção com *each... the other*, e itens de polaridade negativa, exemplificada de (03) a (08):

- (03) a. *I showed Mary herself.* (anaphor binding)
 b. **I showed herself Mary.*
- (04) a. *I gave every worker_i his_i paycheck.* (quantifier binding)
 b. **I gave its_i owner every paycheck_i.*
- (05) a. *Which man_i did you send his_i paycheck?* (weak crossover)
 b. **Whose_i pay did you send his_i mother?*
- (06) a. *Who did you give which paycheck?* (superiority)
 b. **Which paycheck did you give who?*
- (07) a. *I showed each man the other's socks.* (each... the other)
 b. **I showed the other's friend each man.*
- (08) a. *I showed no one anything.* (itens de polaridade negativa)
 b. **I showed anyone nothing.* (Barss e Lasnik (1986) citado por LARSON 1988)

JOHNSON, 2004), a nominalização deverbal permite que o objeto (argumento) do verbo apareça como genitivo ou NP resultante dentro de uma frase com *of*:

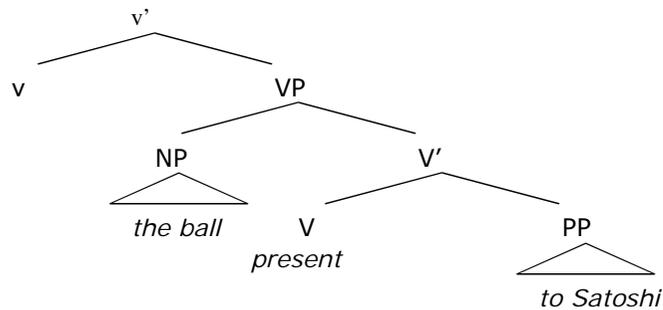
- (11) Examine the problem.
 The examination of the problem.
 The problem's examination.
- (12) Believe Thilo handsome.
 *The belief of Thilo handsome.
 *Thilo's belief handsome.

A nominalização permite determinar se um NP que segue um verbo é argumento do verbo ou não. Dessa forma, Kayne argumenta que o primeiro NP que segue um verbo na construção DO não é argumento do verbo, pois não permite nominalização (12). A nominalização é possível em construções PO, indicando que o NP é de fato argumento do verbo (13):

- (13) DO: Present Satoshi the ball.
 *The presentation of Satoshi of the ball.
 *Satoshi's presentation of the ball.
- (14) PO: Present the ball to Satoshi.
 The presentation of the ball to Satoshi.
 The ball's presentation to Satoshi. (SIGRID e JOHNSON, 2004, p. 99).

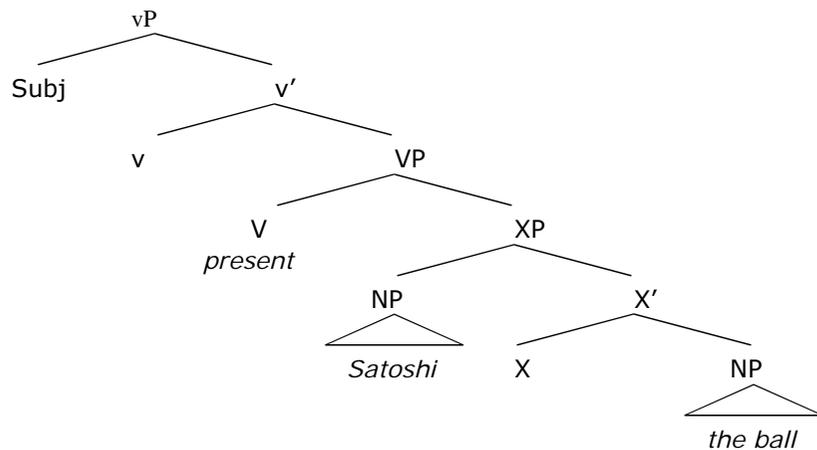
O segundo NP da construção DO também não é objeto (argumento) do verbo, pois também não aparece em nominalizações com genitivo ou com *of* (**The presentation of Satoshi of the ball* e **The ball's presentation of Satoshi*). Também não é possível passivizar, critério necessário para o diagnóstico de objeto. Isto quer dizer que nenhum dos NPs da construção DO é argumento do verbo. As duas estruturas podem ser expressas de acordo com a proposta de Kayne da seguinte maneira:

(15) estrutura PO



Na estrutura PO, os dois complementos estão na posição de especificador e complemento do sintagma verbal, e este VP se encontra encaixado em outro sintagma (vP).

(16) estrutura DO:



De acordo com a proposta de Kayne (citado por BECK e JOHNSON, 2004), a estrutura DO possui uma *small clause*, cujo núcleo é X¹¹.

Semanticamente, há razões para supor que DO e PO não são variações de superfície da mesma estrutura. De fato,

¹¹ OH (2006) apresenta contra-argumentos à existência de uma *small clause*.

existem diferenças condicionais, que podem inclusive representar padrões. Dentre estas diferenças, há um componente de significado na estrutura DO que não é encontrado em PO; mais especificamente, um componente de posse, ou HAVE. De maneira distinta, a forma PO não apresenta este componente, como visto em (17) e (18):

(17) [Satoshi's sending the Damron Guide] CAUSE [BECOME [Thilo HAVE the Damron Guide]]

(18) [Satoshi's sending the Damron Guide] CAUSE [BECOME [the Damron Guide is at Thilo]]

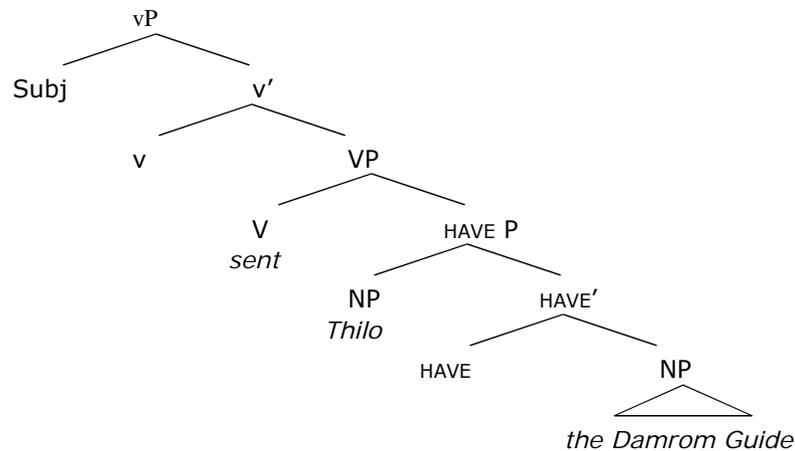
Green (1974, citado por BECK e JOHNSON, 2004), conclui que o significado da forma DO possui propriedades que são derivadas da presença de HAVE. Se pensarmos que o PP na forma PO representa um locativo, podemos concluir que ele pode se referir a objetos inanimados ou animados. Entretanto, pelo fato de o objeto indireto da construção PO ser o sujeito da relação de posse, ele se refere a objetos que podem ser possuidores. Isto explica a inadequação da sentença (19b):

- 19) a) Satoshi sent the Damron Guide to London.
b) *Satoshi sent London the Damron Guide.

Dessa forma, X seria a origem do significado de posse (HAVE) em construções DO¹². A estrutura DO de *send* seria representada da seguinte forma (20):

¹² HARLEY (2002) também discute a relação de posse na alternância dativa, conforme discutido anteriormente.

(20) Satoshi sent Thilo the Damron Guide.



A postulação de que existe um sintagma que denota posse na forma DO sugere que as formas DO e PO possuem estruturas distintas, especialmente em relação à semântica lexical dos predicados. Esta diferença não pode ser expressa por uma teoria que relacione DO e PO por meio de transformação. Além disso, as diferenças com relação a nominalização também constituem evidência contrária à relação de transformação.

Considerações finais

Esta revisão buscou traçar um panorama geral da alternância dativa e construções com objeto duplo em inglês, partindo das primeiras ideias derivacionais até a mais recente abordagem semântica. Tomando como ponto de partida a proposta de Larson, podemos ver como a teoria relativa a construções com objeto duplo foi tomando diferentes caminhos, auxiliada pela análise das restrições semânticas presentes não só em inglês, mas igualmente em outras línguas. Cada uma das soluções apresentadas não está isenta de problemas, apesar de haver um movimento em relação a um consenso sobre como abordar as construções ditransitivas sintática e semanticamente. Ainda

há muito que ser pesquisado e elucidado para que haja uma maior compreensão da sintaxe e semântica destas construções.

Referências

- ADGER, David. *Core Syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BAKER, Mark. Thematic Roles and Syntactic Structure. McGill University v.2, revised, June 1996. Disponível em: <<http://www.rci.rutgers.edu/~mabaker/utah-hdbk.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2007.
- BECK, Sigrid; JOHNSON, Kkyle. Double Objects Again. *Linguistic Inquiry*, v. 35, n. 1, Winter 2004. Disponível em: <http://people.umass.edu/partee/docs/Beck_and_Johnson_2004.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2009.
- BLEAM, Tonia. Properties of the Double Object Constructions In: NÚÑEZ-CEDENO, Rafael; LÓPEZ, Luis; CAMERON, Richard. (Ed.). *A Romance perspective on language knowledge and use*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. Disponível em: <<http://babel.ling.northwestern.edu/~tbleam/Papers/Bleam-LSRL31.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2007.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- HARLEY, Heidi. Possession and the Double Object Construction. In: PICA, Pierre; ROORYCK, Johan. (Ed.). *Linguistic Variation Yearbook*, v.2, 29-68. John Benjamins Publishing Company, 2002. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~kroch/courses/lx550/readings/HarleyGive2002.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2007.
- JEONG, Youngmi. The landscape of applicatives. 2006. Dissertation. (Ph.D.) - University of Maryland, College Park, 2006. Disponível em: <<https://drum.umd.edu/dspace/bitstream/1903/3485/1/umi-umd-3313.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2009.
- LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*. v.19. Cambridge, p. 91, 1988.
- LEVIN, Beth. The Dative Alternation and the Ranking of Recipients, Goals, and Themes. MIT, Summer 2005. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~bclevin/lisa05dat.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2007.
- MCGINNIS, Martha. UTAH at Merge: Evidence from Multiple Applicatives. In: MCGINNIS, Martha; RICHARDS, Norvin. (Ed.). *MITWPL 49: Perspectives on Phases*. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics, p. 183-200, 2005. Disponível em: <<http://www.ucalgary.ca/~mcginnis/papers/MWPL49.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2009.
- OH, Eunjeong. Second Language Acquisition of English Double Object Constructions by Korean Speakers. Dissertation (Ph.D.) - University of Southern California, Los Angeles, 2006. Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~ionin/SLAgroup/ohe7702578319.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2007.

Movimento de núcleos¹

Fábio Bonfim Duarte²

No âmbito do programa minimalista, existe o pressuposto de que as estruturas sintáticas são derivadas por uma série de operações denominadas Juntar. Nesse trabalho, procuro mostrar que, além das operações Juntar, as estruturas sintáticas podem ainda ser formadas por meio de operações de Movimento. Em geral, concebe-se que os complementizadores figuram normalmente antes do sujeito nas orações que introduzem, mais precisamente sugerimos que complementizadores tais como *that*, *for* e *if* são itens que ocupam a posição de núcleo da categoria funcional CP. Contudo, é possível perceber a partir dos dados do inglês que complementizadores não são os únicos constituintes que precedem o sujeito. No inglês, por exemplo, verbos auxiliares podem preceder os sujeitos em orações interrogativas sim/não. Para tanto, veja o diálogo abaixo.

- (01) speaker A: Honey-buns, there's something I wanted to ask you.
speaker B: What, sweetie-pie?
speaker A: **If you will marry me.**
speaker B: (pretending not hear): What did you say, darling?
speaker A: **Will you marry me?**

A questão que se coloca para a nossa análise é saber qual é afinal a estrutura sintática das duas orações em negrito no extrato acima. No caso da sentença *if you will marry me*, poderemos afirmar com alguma certeza que é uma oração introduzida pelo complementizador *if*, o qual encabeça a projeção CP, de maneira que apresenta a seguinte configuração sintática.

¹ Este texto constitui uma adaptação e tradução do capítulo intitulado "Head Movement", que faz parte do livro de introdução à sintaxe minimalista, *Syntax: a minimalist introduction*, elaborado por Andrew Radford.

² Professor do Programa em Estudos Linguísticos (PosLin) da FALE/UFMG. e-mail: fbonfim@terra.com.br. Portal na Internet: <www.lettras.ufmg.br/fbonfim>.

- (02) [_{CP} [_C if [_{IP} you [_I will [_{VP} marry [me]]]]]]]

Mas, consideremos agora qual será a estrutura da segunda sentença proferida pelo falante A, repetida abaixo como (03).

- (03) Will you marry me?

Veja que temos aqui a inversão do auxiliar *will* para antes da posição ocupada pelo DP sujeito *you*. Por isso, nossa análise precisa determinar para qual posição estrutural o auxiliar *will* é movido em (03). Uma maneira é então testarmos se existe a possibilidade de o auxiliar e o complementizador *if* co-ocorrerem em posição inicial, conforme mostramos pelo contexto em (04).

- (04) speaker A: What did you want to ask me?
speaker B: *If will you marry me.

Notem que a agramaticalidade da segunda sentença sugere que interrogativas tipo sim/não do inglês não permitem que o complementizador e o auxiliar co-ocorram na mesma oração, fato que sugere que o verbo auxiliar *will* e o complementizador estão na mesma posição estrutural em (03). Ou seja, ambos estão no núcleo da projeção CP. Assim sendo, como pode ser que um auxiliar finito do tipo de *will* ocupe o núcleo de CP, e não o núcleo do IP? Uma resposta para esta pergunta pode ser obtida se propusermos que, para haver a derivação da oração interrogativa em (03), o verbo auxiliar move-se da posição de núcleo do IP, onde é gerado pela operação Juntar, para núcleo de CP, conforme indicamos pela derivação sintática em (05).

- (05) a) [_{IP} you [_I will [_{VP} marry [me]]]]
b) [_{CP} [_C will [_{IP} you [_I t_{verbo} [_{VP} marry [me]]]]]]]

Veja que a derivação proposta em (5a-b) nos coloca diante de outra questão: por que o auxiliar *will* tem de se mover de I para C?

No âmbito do programa minimalista, uma maneira de respondermos a essa pergunta é estipular que o núcleo de CP possui um traço [+INFL] FORTE. Sendo forte, esse núcleo engatilha a elevação do auxiliar para C em (5b). Quando temos uma oração tipo sim/não encaixada, notem que o complementizador *if* deve necessariamente preencher o núcleo de CP, conforme se vê pela configuração em (06).

(06) He asked me [_{CP} [_C if [_{IP} I [_I would [_{VP} marry him]]]]]

Não obstante, complementizadores do tipo de *if* não podem introduzir orações independentes sim/não no inglês. Por conseguinte, nesses contextos, a maneira de satisfazer o traço [INFL] FORTE de C⁰ é por meio da elevação do auxiliar de I para C, conforme foi sugerido em (5b).

Uma questão óbvia que esta análise nos coloca é a seguinte: o que significa dizer que C⁰ possui um traço [INFL] FORTE? Para responder a essa questão, Chomsky (1995) propõe que C⁰ nas perguntas tipo sim/não contém um afixo [-Q] abstrato o qual necessita se juntar seja ao auxiliar *will* nas perguntas sim/não independentes, conforme (5b), seja ao complementizador interrogativo *if* nas interrogativas sim/não encaixadas, conforme (06). Consoante a essa abordagem, em (5b), repetido abaixo, o auxiliar *will* move-se para C⁰ para adjungir-se ao afixo [-Q] e para verificar o seu traço flexional [+INFL] FORTE.

(5b) [_{CP} [_C (will+Q) [_{IP} you [_I t_{verbo} [_{VP} marry [me]]]]]]]

A abordagem de que algumas categorias funcionais são fortes (e outras são fracas) nos fornece uma explicação satisfatória para as sentenças sim/não que não possuem um auxiliar nas sentenças afirmativas, mas, ao mesmo tempo, requerem o uso de um auxiliar expletivo (*a dummy auxiliary*), como se vê nas sentenças abaixo.

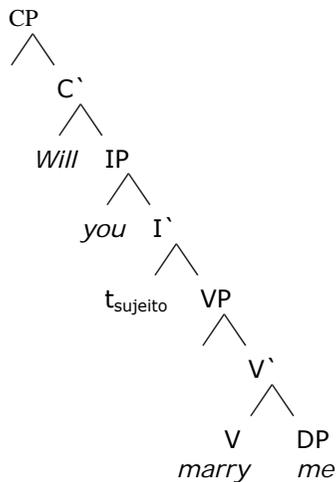
(07) a) They know him.
b) **Do** they know him?

Veja que podemos justificar a ocorrência do auxiliar expletivo *do*, em (7b), se nos basearmos na ideia da força dos traços de CP interrogativo do inglês moderno. Ou seja, como C⁰ apresenta um afixo [-Q] com o traço [INFL] FORTE, o auxiliar *do* precisa mover-se para núcleo de CP. Nesse sentido, uma maneira de captar a estrutura de (7b) é estipularmos o seguinte: (i) orações interrogativas são CPs constituídos de um núcleo C⁰ forte; (ii) complementizadores do tipo de *if*, *that* não podem vir em C⁰ nas orações principais e (iii) a única maneira de satisfazer a exigência de preenchimento de C⁰, em (7b), é supormos que o auxiliar expletivo *do*, após ser gerado em I⁰, tem de ser elevado para C⁰, para satisfazer o traço [+INFL] FORTE do afixo [-Q], de maneira que a sentença em (7b) possuirá a derivação proposta em (8a-b).

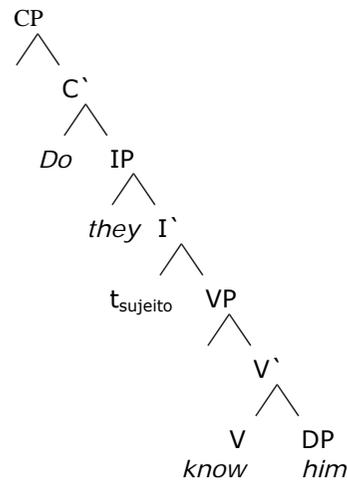
(08) a) [_{IP} they [_I do [_{VP} know him]]]
b) [_{CP} [_C **do** [_{IP} they [_I t_{auxiliar} [_{VP} know him]]]]]

Veja que a inserção do auxiliar *do* atende à condição de último recurso (do inglês *last resort*), o qual exige que o auxiliar expletivo (*dummy auxiliary*) *do* e o auxiliar *will*, em (05) e (08), sejam movidos para C⁰, visto que não há outra maneira de satisfazer a exigência sintática de preenchimento do núcleo de CP. E, além do mais, em interrogativas sim/não independentes, o núcleo de C⁰ não poderia ser preenchido pelos complementizadores *if* e *that*. Dessa maneira, os auxiliares, após serem elevados para C⁰, deixam para trás um vestígio *t* (do inglês *trace*), o qual se constitui dos mesmos traços gramaticais do auxiliar movido, pois seleciona um VP com verbo infinito e um DP na posição de especificador de IP com Caso nominativo. Isso pode ser visualizado pelas configurações sintáticas das sentenças (5b) e (8b) abaixo.

(05) b)



(08) b)



Tendo examinado o movimento do verbo auxiliar finito para C⁰, analisemos agora o movimento do verbo lexical de sua posição de base, interna ao VP, para núcleo do IP. Para tanto, faz-se necessário ter em mente que, embora esse tipo de movimento fosse bastante produtivo no inglês antigo³, (The Early Modern English, doravante EME), não ocorre mais no inglês moderno (cf. Modern Standard English, doravante MSE). Uma vez que movimento de V para I pode ser mais bem percebido em contextos de sentenças negativas, começaremos nossa análise com uma breve incursão na sintaxe das cláusulas negativas no EME. No inglês utilizado por Shakespeare, observa-se que orações contendo um auxiliar finito são negadas por meio da partícula *not* que aparece entre o auxiliar e o verbo, conforme se vê pelos exemplos abaixo.

³ Esta fase corresponde ao período em que viveu Shakespeare, por volta de 1600.

(09) You may **not** deny it.

(10) I would **not** lose you.

(11) Thou shalt **not** die for lack of a dinner.

(12) I will **not** hear thy vain excuse.

Nesses exemplos, a hipótese assumida é a de que a partícula *not* no EME vem em adjunção ao VP, de maneira que a sentença (10) apresentará a seguinte derivação: inicialmente, após o verbo *deny* se juntar ao objeto *it*, formando a projeção intermediária [_V deny it], o sujeito *you* é inserido na posição de especificador de VP, doravante Spec-VP, resultando na estrutura (13a). Na etapa seguinte da derivação, o advérbio de negação é inserido em adjunção ao VP, formando, então, a derivação em (13b). Na etapa subsequente, o verbo auxiliar finito *may* é juntado no núcleo de I⁰, conforme se vê em (13c). Por último, o DP sujeito é, então, movido para a posição de especificador de IP, de modo a permitir a verificação de seus traços flexionais, i.e., o Caso nominativo e os traços-phi do auxiliar, conforme vemos em (13d).

- (13) a) [_{VP} you [_V deny it]]
- b) [_{VP} not [_{VP} you [_V deny it]]]
- c) [_I may [_{VP} not [_{VP} you [_V deny it]]]]]
- d) [_{IP} you [_I may [_{VP} not [_{VP} t_{sujeito} [_V deny it]]]]]]]

Note que a derivação em (13a-d) pressupõe que *not* é sempre gerado em adjunção ao VP. Veja que esta análise nos ajuda explicar a estrutura das orações interrogativas abaixo.

- (14) Didst thou not hear somebody?
- (15) Will you not dance?
- (16) Have you not heard the sea rage like an angry boar?

Se interrogativas envolvem movimento de I para C, conforme estipulamos em (5b) e (8b), então, uma sentença como (14) deverá possuir a derivação proposta em (17a-b).

- (17) a) [_{IP} thou [_I didst [_{VP} not [_{VP} t_{sujeito} [_V hear somebody]]]]]]]
- b) [_{CP} [C didst [_{IP} thou [_I t_{auxiliar} [_{VP} not [_{VP} t_{sujeito} [_V hear somebody]]]]]]]]]]]

Como (17a-b) ilustra muito bem, o verbo auxiliar *didst* origina-se em I e, em seguida, é elevado para C, de modo a atender a exigência de que o núcleo de CP seja sempre uma posição preenchida em sintaxe visível, nas sentenças interrogativas do inglês antigo (EME). Veja que aqui teremos de supor que o auxiliar deixa para trás o vestígio **t** na posição a partir da qual se eleva. A abordagem de que *not* está em adjunção ao VP indica que o verbo lexical *hear* permanece interno ao VP, pois figura após o advérbio de negação *not*.

O que é ainda particularmente interessante para nossa análise é o fato de que, no inglês da época de Shakespeare, o verbo lexical sistematicamente precede a partícula negativa *not*, nos contextos em que não figuram verbos auxiliares, conforme abaixo.

(18) He **heard** not that.

(19) I care not for her.

(20) My master **seeks** not for me.

(21) I **know** not where to hide my head.

(22) Thou **thinkest** not of this now.

Se admitirmos que *not* no EME ocupa uma posição pré-verbal, em adjunção ao VP, conforme mostramos em (17a-b), como então explicar que, nos exemplos (18) a (22), o verbo lexical vem antes da partícula negativa, e não depois dela? Uma resposta a essa indagação pode ser obtida se estipularmos que, quando I⁰ não é lexicalizado por meio de um verbo auxiliar, o verbo lexical move-se para fora do VP, aterrissando no núcleo de IP. Tomando por base essa abordagem, a sentença (18) terá a derivação sintática proposta em (23a-d).

(23) a) Formação do VP

↓
[He [_{VP} heard that]]

b) Inserção do advérbio de negação por meio da operação Juntar

↓
[_{VP} not [He [_{VP} heard that]]]

c) Elevação do verbo lexical para núcleo de I⁰

↓
[I heard [_{VP} not [He [_{VP} t_{verbo} that]]]]

d) Movimento do DP sujeito para Spec-IP para verificação de Caso nominativo

↓
[_{IP} He [I heard [_{VP} not [t_{sujeito} [_{VP} t_{verbo} that]]]]]

Veja que a derivação proposta em (23a-d) supõe que o verbo lexical *heard* origina-se na posição de núcleo de V, dentro do VP, e, em seguida, move-se sobre a partícula *not*, aterrissando em I⁰. Essa derivação nos permite, assim, explicar a razão pela qual o verbo *heard* ocorre antes da partícula *not*. Além disto, o DP sujeito *he* origina-se na posição de Spec-VP e move-se para Spec-IP para ter o seu traço de Caso nominativo verificado. A verificação desse traço dá-se por meio da combinação dos traços-phi do verbo e do DP, na relação Spec-Núcleo.

O paralelo que podemos estabelecer entre movimento V-to-I e I-to-C é que, em ambas as situações, o movimento é de núcleo a núcleo. Além disso, observa-se que o movimento é de uma posição mais baixa para uma posição estruturalmente mais alta, de modo que a condição de c-comando é respeitada. Ou seja, o núcleo movido sempre c-comanda seu vestígio. Verifica-se também que, em ambos os casos, o movimento obedece às restrições de localidade, uma vez que o núcleo movido é sempre alçado para a posição de núcleo mais

próxima na estrutura. Notem que, em ambos os casos, o núcleo movido só pode elevar-se sobre um constituinte que não seja uma posição de núcleo lexicalizado. Tendo em vista que os movimentos V-to-I e I-to-C são operações que obedecem a restrições de localidade, uma conclusão plausível é supormos que essa propriedade de localidade nas operações de movimento de núcleos não é acidental, mas reflete um princípio mais geral da Gramática Universal. Esse princípio foi denominado de *restrição sobre movimento de núcleos*⁴, o qual estipula o seguinte:

“a head can only move from the head position to the head position in the immediately containing (i.e., next-highest) phrase in the structure.” (cf. RADFORD, 1997, p. 117)

Conforme vimos de (14) a (16), interrogativas no EME (Early Modern English) envolvia a mesma operação de movimento do auxiliar para C⁰ que o MSE (*Modern Standard English*). Dessa maneira, uma hipótese bastante plausível é a de que, se o verbo lexical move-se para núcleo de IP em sentenças sem verbo auxiliar, no EME, uma natural assunção é a de que o verbo lexical pode mover-se adicionalmente para C, possivelmente para verificar o traço [INFL] FORTE do afixo [-Q], em perguntas sim/não. De fato, isso é o que acontece nas orações abaixo.

- (24) Saw you my master?
- (25) Heard you this, Gonzalo?
- (26) Speakest thou in sober meanings?
- (27) Call you this gamut?
- (28) Came you from the church?
- (29) Know you not the cause?
- (30) Spake you not these words plain?

⁴ Tradução do termo inglês HMC = *Head Movement Constraint*.

Veja que, para derivarmos a ordem superficial observada em (29), por exemplo, precisamos estipular que ocorre o movimento cíclico sucessivo do verbo lexical, primeiro para núcleo do IP, e, depois, para núcleo de CP. Isso pode ser notado pela derivação apresentada em (31a-c) abaixo.

- (31) a) [_{VP} not [_{VP} you [_V know the cause]]]
- b) [_{IP} you [_I know [_{VP} not [_{VP} t_{sujeito} [_V t_{verbo} the cause]]]]]
- c) [_{CP} [_C know [_{IP} you [_I t_{verbo} [_{VP} not [_{VP} [_V t_{verbo} the cause]]]]]]]

Veja que o fato de o verbo *know* vir antes do sujeito *you* em (29) sugere, portanto, que é elevado, primeiramente de V para I, conforme mostra a derivação em (31b) e, em seguida, de I para C, conforme se vê na etapa derivacional em (31c).

No âmbito do programa minimalista, o postulado é que o movimento de núcleo aplica-se de uma maneira cíclica sucessiva, o que quer dizer que o verbo *know* move-se em passos sucessivos, primeiro para I, depois para C⁰. Cada operação de movimento deve obedecer ao HMC (Head Movement Constraint).

É interessante notar que a ordem das sentenças negativas do EME, de (18) a (22), por um lado, e, de (24) a (30), por outro, não é verificada no MSE (Modern Standard English). Nessa linha de raciocínio, fica-nos a seguinte indagação:

Que tipo de mudança se processou no curso da evolução do inglês antigo (EME) para o inglês moderno (MSE)?

A mudança deve-se ao fato de o verbo lexical não se mover mais para núcleo de IP nem para núcleo de CP no inglês moderno, diferentemente do que acontecia nas orações negativas do inglês antigo da época de Shakespeare, conforme mostram os exemplos (24) a (30). Diante disso, surge outra questão:

Qual razão morfossintática engatilhava o movimento do verbo lexical de V-to-I⁰-to-C⁰ no inglês antigo?

Uma possibilidade é a de que, nesta fase do inglês, o verbo lexical carregava traços [AGR] fortes, i.e., traços-phi (pessoa e número) visíveis, enquanto, no inglês moderno, esses traços são fracos, já que o verbo lexical não apresenta um sistema rico de concordância para pessoa no singular e plural. No âmbito do programa minimalista, pressupõe-se que verbos que carregam traços de concordância fortes são elevados de V⁰ para I⁰, enquanto os que não manifestam esses traços permanecem internos ao VP. Isso equivale a dizermos que riqueza no sistema flexional de concordância do verbo significa que ele é capaz de mover-se para I⁰.

No inglês moderno, o verbo apresenta apenas o morfema {-s} na terceira pessoa, enquanto, no inglês da época de Shakespeare, encontramos três morfemas de pessoa no singular: {-st} para a segunda pessoa singular e {-th} e {-s}, para a terceira pessoa singular, conforme abaixo:

- (32) Thou seest how diligent I am.
- (33) Thou sayst true.
- (34) The sight of love feedeth those in love.
- (35) She taketh most delight in music, instruments and poetry.
- (36) Winter tames man, woman and beast.
- (37) It looks ill, it eats drily.

Os dados acima indicam que o verbo lexical finito, no inglês antigo (EME), possuía traços de concordância fortes em virtude do rico sistema de concordância que traziam. Já os verbos finitos no inglês moderno não carregam traços de concordância fortes, visto que não apresentam um paradigma flexional rico no singular e no plural.

A diferença na força dos traços de concordância [AGR] reflete ainda outra diferença sintática entre o inglês antigo e o inglês moderno quanto ao acionamento ou não do parâmetro do sujeito nulo. Assim, em virtude de apresentar o traço [AGR] FORTE, o inglês antigo permitia a ocorrência de *sujeitos nulos*, conforme indicam os exemplos abaixo:

- (38) hast *pro* any more of this?
- (39) *pro* sufficeth, I am come to keep my word.
- (40) *pro* would you would bear your fortunes like a man.
- (41) *pro* lives, sir.

Já o inglês moderno não permite *sujeitos nulos* por apresentar traços [AGR] FRACOS, necessitando, por esta razão, de um sujeito manifesto lexicalmente na estrutura sintática, conforme indicam os exemplos abaixo.

- (42) Have you any more of this?
- (43) It is enough that I have come to keep my word.
- (44) I wish you would bear your fortunes like a man.
- (45) He is alive, sir.

É plausível, então, postularmos que os verbos finitos no inglês antigo (EME) licenciam sujeito nulo *pro* porque carregam traços de concordância [AGR] FORTES. Já os verbos finitos do inglês moderno (MSE) não apresentam essa propriedade, já que carregam traços de concordância fracos. Uma questão que surge para esta abordagem é saber a razão pela qual existe tal diferença quanto ao acionamento do parâmetro do sujeito nulo entre as línguas? Podemos buscar uma resposta a essa indagação se estipularmos que línguas com rico sistema de flexão de pessoa e número no verbo são capazes de identificar o sujeito pelas desinências número-pessoais do verbo, enquanto as línguas em que o verbo não apresenta um paradigma flexional rico de pessoa e número não são capazes de identificar o sujeito e, por isso, não permitem a ocorrência de sujeito nulo *pro*. Notem que essa proposta pressupõe, então, que há variação paramétrica nas línguas em relação:

- (i) ao fato de o verbo apresentar traços [AGRS] FRACOS ou FORTES;
- (ii) à natureza de força de [AGR], a qual é capaz de determinar se o verbo lexical move-se para I ou se permanece em V;
- (iii) ao fato de sujeitos nulos *pro* serem permitidos ou não.

Tomando por base essas considerações, uma hipótese plausível é a de que o movimento do verbo para I tem a

função de verificar os traços [AGR] fortes de I⁰. Se este movimento não ocorre, os traços flexionais fortes do núcleo de IP ficariam sem verificação (do inglês *checking*). Desse modo, os verbos lexicais finitos do inglês antigo sobem até I⁰ para verificar os seus traços [AGR], i.e., pessoa e número, os quais combinam com os traços-phi do DP sujeito, o qual ocupa a posição de especificador do IP. A título de exemplificação, vejamos como essa operação de verificação se dá na sentença (46) abaixo:

(46) Thou thinkest not of this.

Suponhamos inicialmente que o verbo *thinkest* origine-se no núcleo de VP, e que, devido ao fato de carregar traços [AGR] fortes, move-se para o núcleo do IP, conforme se vê em (47a-b).

(47) a) [_{VP} not [_{VP} thou [_V· thinkest of this]]]
 b) [_{IP} thou [_I thinkest [not [_{VP} t_{sujeito} [_V· t_{verbo} of this]]]]]

A derivação proposta em (47a-b) possibilita, então, que os traços-phi [ININTERPRETÁVEIS] de I sejam verificados pelos traços-phi [INTERPRETÁVEIS] do DP *thou* que aparece na posição de especificador do IP. Como se vê, a verificação dos traços do sujeito e do verbo acontece na relação Spec-Núcleo.

Por sua vez, a verificação dos traços-phi dos verbos lexicais acontece de uma maneira bastante diferente no inglês moderno, pois, conforme observamos acima, o verbo não se move para núcleo do IP. Assim sendo, teremos de estipular que o verbo *mistrusts*, em (48), permanece interno ao VP na sintaxe visível.

(48) a) [_{VP} She [_V· mistrusts him]]
 b) [_{IP} She [_I [_{VP} t_{sujeito} [_V· mistrusts him]]]]]

Veja que a derivação em (48) pressupõe que a verificação dos traços-phi do verbo acontece apenas por meio da atração desses traços para o núcleo de I. A ideia é que o núcleo do IP, em vez de atrair a categoria lexical, atrai apenas os traços-phi do verbo *mistrusts*.

Portanto, concluímos que o inglês antigo e o inglês moderno fazem uso de mecanismos distintos para a verificação dos traços [AGR] do verbo. No inglês antigo, este traço é verificado na sintaxe visível por meio da elevação do verbo para I, enquanto, no inglês moderno, ocorre apenas a elevação dos traços-phi do verbo para I. Essas diferentes maneiras de verificar os traços [AGR] dos verbos finitos correlacionam-se diretamente com a força relativa dos traços de concordância carregados pelos verbos. Em línguas como o inglês antigo em que os traços [AGR] são fortes, a concordância é verificada em sintaxe visível por meio da elevação do verbo para I; já, em línguas como o inglês moderno, em que os verbos não se movem para o núcleo do IP, a concordância é verificada por meio da elevação apenas dos traços-phi do verbo. Veja que, no primeiro caso, a operação de movimento implica que todos os traços (fonéticos, gramaticais e semânticos) do item lexical são elevados para I, enquanto, no segundo caso, apenas há atração dos traços relevantes, mais precisamente dos traços-phi de [AGR], caso contrário não seriam verificados e a derivação não convergiria.

Nesta linha de raciocínio, dizer que o verbo *thinkest* do inglês antigo carrega traços [AGR] FORTES significa que esses traços não podem ser separados dos outros traços carregados pelo verbo. Sendo assim, a verificação dos traços fortes do verbo *thinkest* dá-se por meio da elevação de toda categoria lexical, e não por meio da atração dos traços-phi. Por sua vez, dizer que o verbo *mistrusts* do inglês moderno, em (48), possui traço [AGR] fraco significa que apenas os traços-phi são elevados para I, sendo os traços fonéticos e semânticos do verbo deixados para trás, no núcleo de VP.

Podemos concluir então que, em razão de *princípios de economia derivacional*, a atração de traços gramaticais é a operação mais econômica, já que o movimento de toda a categoria afeta todos os traços (fonéticos, gramaticais e semânticos) do verbo. Diante disso, em virtude dos princípios de

economia, a operação que atrai apenas traços será preferível sempre que possível. Já a operação de movimento pleno somente é forçada quando os traços relevantes (traços-phi do verbo lexical) forem de natureza FORTE.

Referências

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, p.420, 1995.

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge: CUP, 1998.

Caderno Viva Voz de interesse para a área de linguística (sintaxe)

Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras

Mário Alexandre Garcia Lopes, Carlo Sandro de Oliveira Campos, Fábio Bonfim Duarte, Maria Luisa de Andrade Freitas, Susi Oliveira de Lima e Marco Antônio Bomfoco

Os Cadernos Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/publicacoes.htm

